

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Departamento de Sociologia

PROGRAMA INTERDISCIPLINAR DE
ESTUDOS DE GÊNERO

12.73
B 802
1927

002524

RELATÓRIO FINAL DA PESQUISA
EMPREGO DOMESTICO EM SALVADOR/
BAHIA, BRASIL

Alda Britto da Motta
Processo nº 40.0655/83.

Salvador, 13 de agosto de 1985.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

PARTE I

TRABALHO DOMÉSTICO COMO OBJETO DE ANÁLISE 6

O TRABALHO DOMÉSTICO NO CAPITALISMO DEPENDENTE14

PARTE II

A INVESTIGAÇÃO25

AS EMPREGADAS 30

AS CONDIÇÕES NO TRABALHO DOMÉSTICO..... 32

A RELAÇÃO COM OS PATRÕES 37

EXPECTATIVAS, SOCIABILIDADE E LAZER NO EMPREGO 45

CARREIRA OCUPACIONAL 51

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 63

INTRODUÇÃO

Estudar emprego doméstico não foi, para mim, decorrência de um interesse ocasional. O sujeito humano empregada doméstica sempre me foi muito próximo e, ao mesmo tempo, fascinante, o outro a ser desvendado. Menina, em uma casa enorme no tranqüilo e ainda bonito bairro de Itapagipe, no ambiente plácido da casa dos avós, os empregados domésticos eram das pessoas mais coloridas, mais interessantes que passavam pela casa. Produziam infinidade de coisas muito visíveis e apreciadas — a comida bonita-cheirosa-gostosa; a limpa arrumação dos móveis e belos objetos de adorno; a trouxa de roupa suja, macia para menino pular em cima, transmudada, no final da semana, na pilha de roupa alva, passada, cheirando a goma; a gangorra do quintal; a "casa" dos cãgados; a fogueira de São João... (Por trás de tudo isso, a tranquila assessoria dos avós era quase invisível).

Além de fazerem tantas coisas que eu valorizava, elas podiam — Maravilha! — realizar o interdito, em usos e falas. Como isso contava! Foram mais importantes: Elvira, primeiro minha babá, depois copeira, por longos anos. Marocas e Maria Paula, sucessivamente cozinheiras. E Chico, que não morava na casa, mas estava sempre por lá. Ele fazia trabalhos — geralmente reparos — de carpintaria, cuidava dos dois grandes cachorros e das muitas árvores frutíferas do quintal, do galinheiro, do telheiro de materiais guardados e ferramentas, etc.

Eu os observava, com prazer, em seus afazeres, nas conversas e nas maneiras nas horas de refeições, na cozinha. Convivia com eles, sem qualquer repressão da família, no grande domínio da copa-cozinha-pátio-quintal. Gostava deles.

O interdito, que eu percebia através das mulheres, referia-se a usos de classe e às conversas, na família proibidas para criança. Elas podiam, no longe/íntimo da grande cozinha, fazer o que eu não podia: andar descalças, comer diretamente com as mãos em vez de usar

talheres, trincar a pimenta verde no dente, durante a refeição, ao invés de usar molhos... Fiz tudo isso com elas, com enorme satisfação. (Menos a pimenta crua "no dente"...). Muitas histórias de "almas do outro mundo" — minha grande contradição de infância: um medo horrível na hora de dormir, geminado ao afã de saber mais e mais, ("Elvira, conte outra!") de dia... (De noite, passava sozinha pelos longos corredores da casa, cantando alto...)

Deles sō guardei boas lembranças, de companheirismo, naturalidade, descomplicação no viver e suas estações — parir, adoecer, morrer... Também nunca testemunhei cenas de agressividade no cotidiano doméstico. Apenas percebi, cedo, pequenos choques ensejados pelas diferenças culturais de classe e, desde logo, registrei sua existência: Não pude deixar de achar engraçado o incidente entre minha avō e a jovem empregada que tentava explicar, com muita fleugma, uma possível falha. A avō comentou, muito ao sabor da época:

— Que pachorra!
E a moça, zangada:

— A senhora pode "tirar minha conta"! Não vou ficar em casa de quem me chama de cachorra!

Os da família expressavam, eventualmente, a segregação internalizada: "O pessoal lã de dentro..."

De Elvira assimilei a privilegiada experiência da vivência do parto como um momento de tranq̃ila naturalidade — que vivenciei com ela, em torno dos meus doze anos, ajudando-a, uma noite, enquanto nascia o seu bebē. Naturalidade tranq̃ila que retomaria sempre nos meus momentos de parir...

Nos anos que se aproximavam de 1977, meu casamento ia terminando, conflituadamente, os problemas irresolvidos do casal aflorando por toda parte também como problemas domésticos — inescapavelmente en-

volvidos neles, também as empregadas. Várias entraram e saíram da casa.

Os tempos sociais eram outros: não mais o capitalismo vestido como plácida península itapagipana abrigando a casa muito grande, onde até os conflitos podiam se perder no espaço, numa cidade sem violência nas ruas; mas o final desmistificado do "milagre" econômico, vivido no espaço limitado do apartamento de três quartos e pequena área de serviço, num tempo em que os conflitos de classes iam aparecendo cada vez mais em sua nitidez. Quando até os conflitos de sexo já começavam a poder aparecer...

Meu tempo de consciência social também era outro, e correspondia a um sentimento extremo de enorme culpa por ter empregadas em casa, sentindo-me como a única exploradora de mão-de-obra barata, etc. Atorçada com tudo isso, organizava mal e cobrava péssimo o serviço doméstico...

Esse momento em que, pela primeira vez na minha vida, a relação patroa/empregada ficava incômoda e, conseqüentemente, precisando ser repensada, coincidia também com o período da necessária definição do tema da minha Dissertação Final de Mestrado e com o fato, de conhecimento generalizado, da quase inexistência de trabalhos sobre emprego doméstico no Brasil. A escolha quase que se impunha. E com ela iniciava-se, para mim, o uso, muito feminino — mas também muito produto das circunstâncias — de ligar o existencial ao profissional...

A crise doméstica foi, finalmente, superada pela dissolução da relação do casal. Ao mesmo tempo em que os meses de longas entrevistas/conversas no trabalho de campo me reaproximaram do antigo objeto de apreciação da infância e adolescência, a reflexão continuada sobre a condição feminina me conduziu a um outro estágio de consciência social, onde o sentimento de culpa estava aplacado e uma atitude

interior mais tranqüila, elaborada: Eu não era a única "exploradora" — havia uma família; havia muitas famílias, de classes sociais diferentes, em uma cidade de uma sociedade nacional do capitalismo dependente — o que consignava os vários níveis de "exploração".

Nesse quadro, havia todo um contingente da reserva da força trabalho que só conseguia o assalariamento, extensivamente, por essa via... A solução social não iria dar-se pelo caminho atomizado da "revolução"/renúncia individual. Havia que buscar, juntos ou juntas, a solução: por um nível mais desideologizado da consciência social de patrões — ou, pelo menos, de patroas... — e de empregados, para o qual estudos como eu pretendia fazer, poderiam, de alguma forma, contribuir. E por uma ação política, coletiva, informada por essa nova consciência, e exercida em várias instâncias: associações de classe (de domésticas), grupos feministas, núcleos de estudos, comissões parlamentares, etc, etc. Paralelamente à abertura de outras oportunidades de emprego para as mulheres das classes populares, ou pelo menos de outras formas de emprego doméstico, (diaristas com horário e tarefas determinados), a necessidade inadiável da socialização do trabalho doméstico — na família, pela participação de todos os seus membros, conforme a idade, as necessidades, e o nível de consumo de cada pessoa; e no âmbito do Estado, também pela prestação dos serviços públicos essenciais à realização da vida cotidiana ou, na letra fria da análise científica, da reprodução da força de trabalho... Creches, lavanderias e restaurantes acessíveis...

... Passa por aí o largo caminho.

O EPÍLOGO NA INTRODUÇÃO

Cidália, comigo desde aquele tempo difícil, continua. Onze anos. Gosto dela. Ela gosta de mim e de meus filhos. Conversamos sobre nossas respectivas famílias com bastante liberdade, opinando, vendo criticamente. — Uma convivência de lealdade e respeito mútuo.

Isso não elude os pequenos — e também os grandes-problemas de qualquer convivência humana, mais diretamente incomodativos quando se dão no limitado espaço doméstico. E entre classes sociais diferentes.

O ajuste é difícil. Cumpro todas as prescrições da lei 5.859 e vou às vezes um pouco além, naquilo que acho justo e está ao meu alcance. Eventualmente, sei de críticas ao meu "mau exemplo", com as "regalias" que proporciono à empregada. Ela procura cumprir, também, o que contratamos, acrescentando gentilezas afetivas, e também sofre, às vezes, as suas críticas... A vida sempre repetindo, a cada passo, o velho apólogo do menino, do velho e o burro, em diferentes versões da desigualdade social.

Não há ilusões com os cansados mitos do "boa patroa", "bom patrão", "boa empregada", a versão mais pobre do "operário padrão". Mesmo em posições de classes não diretamente antagônicas no modo de produção, ainda assim temos posições/sociais e âmbitos culturais diferentes, às vezes conflitantes, interesses inconciliáveis.

Tentamos viver essa contradição.

PARTE I

TRABALHO DOMÉSTICO COMO OBJETO DE ANÁLISE

Em 1976, quando iniciava a primeira pesquisa sobre emprego doméstico, encontrei, de imediato, dificuldades para a obtenção de bibliografia específica-nenhuma documentação, nenhuma análise... Enorme sensação de estar em terreno inexplorado. Sô depois de estar o trabalho bem avançado, descobri duas publicações sobre o tema: uma do Instituto Joaquim Nabuco de Ciências Sociais¹, outra do Museu Nacional². Já ao final, um artigo na Revista Brasileira de Folclore³.

Do Exterior, encontrei, ainda a tempo, dois trabalhos, ambos sobre o Peru: o livro de Ruttê Garcia⁴ e o artigo, que se tornaria muito difundido, de Margo Smith⁵. No dia em que entreguei a Dissertação de Mestrado, recebi, do México, enviado por amiga comum, a tese de Glória Leff⁶, que infelizmente sô iria ler meses depois. Também iria conhecer tardianente os artigos, instigantes, prospectivos, de Elizabeth Jelin, sobre a baiana na força de trabalho⁷, e sobre migração e emprego doméstico⁸. Desse campo bibliográfico rarefeito, e em um clima existencial conturbado, sairia a Dissertação, em começos de 1977⁹.

O panorama começa a mudar. É publicado; Em 1978, o primeiro livro brasileiro sobre o assunto, de Heleijeth Saffioti¹⁰. Em 1980, um artigo longo, denso, de Julia F.A.Souza¹¹, no Exterior, mas sobre o Brasil. Em 1981, já uma sessão de comunicações na ANPOCS, no Grupo A Mulher na Força de Trabalho. Nela, um trabalho de Zaïra Ary Farias¹², que antecipava uma parte do livro que publicaria dois anos de

trabalhador assalariado, que também é parte da organização familiar, não existem estudos que descrevam ou analisem esse tipo de ocupação e as relações de trabalho que gera". (p.174).

8. Jelin, Elizabeth - "Migration and Labor Force Participation of Latin American Women: the Domestic Servants in the Cities", in Women and National Development: the complexities of change. Edited by The Wellesley Editorial Committee - The University of Chicago Press, 1977.
9. Britto da Motta, Alda - Visão de Mundo da Empregada Doméstica - Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA., Salvador, Bahia, 1977.
10. Saffioti, Heleieth I.B. - Emprego Doméstico e Capitalismo - Petrópolis, Vozes, 1978.
11. Filet-Abreu de Souza, Julia - "Paid Domestic Service in Brazil", in Latin American Perspectives, vol.VII, nº 1, Winter, 1980, pp. 35-63.
12. Farias, Zaïra Ary - "A Situação das Mulheres na Sociedade de Classes: O Valor Social do Trabalho Doméstico" - V Encontro Anual da ANPOCS, Frigurgo, 1981. (mimeo).
13. Farias, Zaïra Ary - Domesticidade: Cativo Feminino? CMB/Achiame, 1983.
14. Britto da Motta, Alda - "Emprego Doméstico no Capitalismo - o caso de Salvador". Encontro Anual da ANPOCS, Friburgo, 1981.(mimeo).
15. Cadernos do NEIM nº 2 - Mestrado em Ciências Sociais, UFBA., março, 1985.
16. Norberto Silva, Elaine Figueira - A Produção Doméstica - Dissertação de Mestrado - Curso de Mestrado em Economia da UFBA., 1982 (mimeo).
17. Almeida, Maria Suely Kofes - "Entre nós Mulheres, elas as Patroas e elas as Empregadas", in Marisa Correa et alii, Colcha de Retalhos (Estudos sobre a Família no Brasil) - São Paulo, Ed.BrasiTiense, 1982. Pp.185-193.
18. Vianna, Marise Rauen - "Determinantes Psicossociais da Consciência Social das Empregadas Domésticas de São Paulo: um Estudo de Caso". VII Encontro Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, 1983. (mimeo)
19. Britto da Motta, Alda - "Emprego Doméstico Masculino" - VIII Encontro Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, 1984. (mimeo)
20. Pereira de Mello, Hildete - "Empregadas Domésticas. Quantas são suas Tutas e Relações com o Movimento Feminista VIII Encontro Anual da ANPOCS, Águas de São Pedro, 1984 (mimeo)

Na América Latina, em geral, também cresce a bibliografia sobre emprego doméstico. Além dos trabalhos anteriormente referidos, há muitos outros, entre os quais os de Blenã Figueroa (1974), no Peru, Monica

Gogna (1980), na Argentina, Ilda Elena Grau (1982), no México, Mary Garcia Castro (1982) na Colômbia, Thelma Gálvez e Rosalba Todaro (1983), no Chile, Isis Duarte na República Dominicana (1983)²¹.

Esses trabalhos, vistos em conjunto, inclusive, obviamente, os brasileiros — revelam uma verdadeira universalidade nas características básicas de constituição e de realização do trabalho doméstico e das relações sociais e de trabalho que se estabelecem a partir da existência da sua forma remunerada nas sociedades sob o capitalismo dependente na América Latina²². A evidente existência desses traços fundamentais, que denotam, ao mesmo tempo, problemas comuns, vem, recentemente, ensejando a realização de trabalhos comparativos e cooperativos a nível internacional.

É o caso, por exemplo, dos números especiais sobre Serviço Doméstico das revistas FEM, do México, em 1980, e Mujer, do Chile, em 1984; do painel sobre Emprego Doméstico, no XI Congresso Internacional da LASA, no México, em 83, que reuniu na mesma mesa pesquisadoras de diferentes países e empregadas vinculadas a associações de domésticas também de países diversos. E do livro, em preparação, por Elsa Chaney e Mary Garcia Castro (editoras), que tem o título provisório de Servicio Doméstico en America Latina y el Caribe, a ser publicado em espanhol e inglês, com contribuições de cientistas e de associações de domésticas de numerosos países desse espaço do capitalismo periférico. É, sobretudo, o caso atualíssimo e digno de registro, do projeto em curso, de formação de uma Asociación Latino Americana de Organizaciones de Trabajadoras del Servicio Doméstico, proposto

21. Ver Referências Bibliográficas, ao final.

22. A explicação dessa universalidade, na próxima secção.

pela Comissão Nacional de Coordenação dos Sindicatos de Trabalhadoras de Casa Particular de Chile, e já aceito por outros três países, inclusive o Brasil.

Aliás, o crescimento, gradativo porém firme, do número e de atuação das organizações de empregadas domésticas no Brasil e em vários outros países da América Latina, é a novidade maior no setor. É a possibilidade de voz e de ação direta que começam a ter esses grupos, extrapolando até as suas reivindicações como associações de classe, na denúncia mais ampla e mais pública da sua extrema subordinação social. Tripla subordinação social, no caso do Brasil: como empregadas domésticas, como mulheres e como negras, em maioria. Mas num dinamismo crescente de que também participam — apesar de uma aceitação frequentemente desconfiada — grupos feministas, religiosos e outros, de solidariedade e de luta política por uma sociedade mais justa.

No Brasil existem, atualmente, catorze associações de domésticas, que vêm realizando, desde fins da década de sessenta, Encontros Estaduais ^{Regionais} e Congressos Nacionais, além de atividades menos eventuais: fazem reuniões regulares, editam boletins, algumas prestam assistência jurídica, realizam cursos profissionalizantes e têm agências de empregos para domésticas.

Em Salvador, uma Pró-Associação luta por organizar-se em Associação desde 1980, mas já realiza reuniões regulares, mantém intercâmbio com outras Associações no Brasil e contato com grupos de apoio no Estado, como o grupo de mulheres do Movimento Negro Unificado, e a Comissão Especial da Mulher da Câmara Municipal de Salvador.

Paralelamente a essa produção brasileira e latino-americana sobre emprego doméstico — análises sobre trabalho doméstico não remunerado era aqui raras antes da década de oitenta — desenvolveu-se, em países do capitalismo dominante, principalmente Inglaterra e Estados Unidos, toda uma produção, principalmente de artigos, sobre trabalho doméstico. Sobre aquele tipo de trabalho doméstico de vigên-

cia ampla nesses países e, portanto, no centro das preocupações teóricas, principalmente do movimento feminista — o trabalho da dona de casa. Essas análises foram abundantes e, não raro, assumiram caráter polêmico, de que é exemplo maior o debate em torno do trabalho de Seacombe (1974), veiculado pela *New Left Review* durante quase dois anos²³.

Com raras exceções, essas análises foram secamente teóricas, nas suas tentativas pioneiras de tornar socialmente visível o trabalho doméstico, pela inscrição precisa no quadro da economia. Discutia-se a produção da mercadoria força de trabalho; avaliavam-se os custos de diversas tarefas domésticas, em comparação com os de atividades semelhantes exercidas diretamente no circuito capitalista: (A contradição preocupante: tarefas domésticas muito caras quando realizadas sob assalariamento — serviços empresarialmente organizados ou empregada doméstica — gratuitas, quando feitas pelas donas de casa).

A partir dessa discussão, feita por mulheres e homens, o tema *Trabalho* doméstico adquire legitimidade científica, mas numa cristalização economicista que iria ser necessário, logo adiante, quebrar²⁴. Indagava-se a sua função na produção capitalista, a sua capacidade ou incapacidade de gerar valor. (Trabalho produtivo, ou trabalho socialmente necessário...?) Mas não se pesquisava a sua função histórica mais longa, nem o contexto mais imediato onde se desenvolve — instituição família, relações (patriarcais) entre os sexos e entre as gerações — e, principalmente, nem o profundo enraizamento ideológico que manteve até então inquestionada a realização desse trabalho em âmbito privado e por pessoas do sexo feminino.

23. Os de maior impacto: Benston (1969), Dalla Costa (1972), Harrison (1973), Seacombe (1974), Gardiner (1975), Coulson, Magas e Wainwright (1975), Seacombe ("Reply") 1975, Smith (1978).

A importante complementação, ou reajuste de foco, far-se-á principalmente quando as latino-americanas (incluídas aí, evidente, as brasileiras; mas nenhum homem) começam a estudar também o trabalho das donas-de-casa, e a entendê-lo, finalmente, pelo ângulo que lhe é fundamental — o da atividade reprodutiva. Mas atividade reprodutiva não apenas no sentido da imediata reprodução/reposição da força de trabalho, porém pelo ângulo da reprodução das relações entre os sexos, e de cada sexo com o contexto social mais amplo, segundo o qual o papel de reprodutora biológica visível da mulher tem que recobrir todas as suas outras funções existenciais. E ser, por isso, objeto de controle social também em vários âmbitos (da família ao Estado), para que também reproduzida seja a estrutura de classes²⁵.

As análises mais demonstrativas da realidade palpável do trabalho doméstico estarão, principalmente na década de oitenta, nos estudos de orçamento de tempo. Pouco numerosos, porém feitos em toda parte, podem demonstrar, inescapavelmente, medida pela precisão do relógio e explicada ou expressa pela voz das trabalhadoras (o pesquisador é aqui um pouco o "cavalo") — quanto custa (em todos os sentidos) cada tarefa, e a contorcida aritmética feminina da dupla jornada de trabalho. Demonstra-se "o tempo de trabalho necessário"...²⁶ mas também o que é o dia da mulher do campo — entre a lavoura e a casa dos filhos/comida/limpeza/lavagem²⁷ — e o dia da mulher proletária da cidade, (es)premida entre os múltiplos atendimentos domésticos e as tarefas, internas ou externas, que irão possibilitar "um dinheiro que é o nosso certo"²⁸, mas na realidade é de toda a família e bem menos dela.

24. Crítica precisa em Sarti (1983)

25. Ver o excelente artigo de Stolcke (1980)

26. Marx, 1980

27. Cebotarev, 1978.

28. Britto da Motta e Machado Neto, 1982.

Jã podem falar, as domēsticas. A empregada:

"É o pior emprego que pode existir no mundo. Tando precisando, é o jeito. Por mais que a patroa trate bem, como aqui, é pēssimo! É uma coisa muito cativa, muito "assim". Até o nome na carteira é feio. Sō fico aqui até arranjar outra coisa melhor"²⁹.

A dona-de-casa:

É bom ter o nosso lar, para mandar. Ter os filhos... mas é uma luta! Deus mandou crescer e multiplicar, não é? Acho que é prã multiplicar tudo, filhos... trabalho..."³⁰

Demonstra-se, no conjunto desses trabalhos e depoimentos, a opres_{ão} específica da mulher.

29. Britto da Motta, (1977)

30. Britto da Motta e Machado Neto, (1982).

O TRABALHO DOMÉSTICO NO CAPITALISMO DEPENDENTE

Escolher Salvador para estudo, sim, é um caso de oportunidade — aqui vivo, trabalho. Foi onde formei minha percepção do trabalho doméstico — primeiro ideologizada, como a de todo mundo, depois, progressivamente depurada. Vivendo esse processo, entrevisei, em dois períodos diferentes, 1976-77 e 1979-80, um total de setenta e duas empregadas domésticas; porém observei muitas mais, nestes e em outros períodos subsequentes. Há um interesse permanente. Também venho observando muitas donas de casa, tanto em seu papel de patroas de empregadas domésticas, como em seus momentos ou dias de trabalhadoras domésticas não-remuneradas (em suas próprias casas). Pequeno-burguesas e proletárias. Auto-observação, também...

Com essa referência a "Salvador, pela oportunidade", quero, antes de me fixar na análise do emprego doméstico nesse espaço urbano, enfatizar a existência de traços universais do trabalho doméstico no capitalismo dependente — alguns comuns ao trabalho doméstico assalariado nos vários países, outros, ao trabalho doméstico gratuito, ainda outros comuns a ambas as modalidades de trabalho doméstico.

Claro que essa coincidência de traços não é casual. Ela apenas evidencia, em relação a um definido campo do conhecimento científico, a enorme abrangência homogeneizadora dos modos de realização do capitalismo, tanto pela via diretamente econômica, como pe-

la via do ideológico disfarçado como "tradição", refinamento" ou "usos populares". Homogeneização tanto mais facilitada, quanto exercida sobre uma forma de produção de antigas e fundas raízes no tempo, e de intensa maleabilidade adaptativa aos modos de produção dominantes em cada época histórica que antecedeu o capitalismo.

Ocorre, então, que o capitalismo entretetece uma grande parte dos seus meios de manutenção, por exemplo, a reprodução da força de trabalho e o exército industrial de reserva, com os velhos fios ideológicos do patriarcalismo, em formas de organização do trabalho em molde artesanal, obtendo, como resultado, o tecido resistente da moderna produção doméstica nas suas variantes básicas: o serviço doméstico gratuito e o serviço doméstico assalariado.

Ambos "trabalhos de mulher" — ou, excepcionalmente, de homens em condições muito nítidas de marginalização³¹. Mulheres realizando a parte mais fundamental da reprodução da força de trabalho — tarefas que propiciam a reposição das energias gastas diariamente pelo trabalhador, reprodução biológica, e cultural/ideológica dos futuros trabalhadores, garantindo, gratuitamente ou a baixo custo, a retenção em casa de numeroso contingente do exército industrial de reserva, nas formas, predominantemente estagnadas, "dona-de-casa" e "empregada doméstica". Com a consequência complementar e conhecida de, pela possibilidade de pagar salários mais baixos aos trabalhadores que têm todos os serviços de reprodução da força de trabalho, da vida, gratuitos ou baratos em casa, alcançar o capital um nível muito mais intenso de acumulação.

O enorme traço comum, inicial, percebido em geral apenas como sexo, elemento biológico, é o gênero, elemento cultural — a quase totalidade

31. Britto da Motta, (1984).

dos trabalhadores domésticos é constituída por mulheres, construídas socialmente³² segundo um padrão "feminino" muito nítido e forte. Trabalho doméstico é a "segunda natureza" da mulher — vai acompanhá-la até o túmulo. Mesmo a sua "primeira função", ou concomitante "natureza", também, que é parir, não vai tão longe...

O segundo grande traço comum, é o desvalor social atribuído a essa atividade "facil", adequada à "fragilidade" e "falta de iniciativa" feminina. Não há coincidência casual, há coincidência ideológica, no fato de que nos Censos dos vários países da América Latina — Brasil incluído — e inclusive nos dados da O.I.T., as donas-de-casa, nos seu duro e repetitivo trabalho cotidiano, sejam classificadas como economicamente "inativas".

Do mesmo modo que existe, por toda parte, o mais geral desprezo pelo trabalho e até pela figura da doméstica. "Prendas domésticas" significa apenas: "Não é desclassificada". Não é prostituta". A empregada doméstica é "Motorista de fogão", "negrinha", "graxeira"... Uma desinformação — e deformação! — ideológica tão abrangente, que até há poucos anos ultrapassava o terreno da vida cotidiana e alcançava o espaço acadêmico. A demora em se produzirem estudos sobre o trabalho doméstico, no Brasil, por exemplo, terá sido em grande parte expressão disso. A incompreensão da própria comunidade acadêmica em relação ao trabalho de quem primeiro estudou o assunto foi, também, expressão disso. Ouvi, em 76, de colega da Universidade, brilhante profissional em sua área, ao lhe revelar o tema que iria trabalhar na minha dissertação de Mestrado, o conselho: — Não faça isso! Você vai ser ridicularizada!

32. Berger e Luckmann, (1966).

A desideologização, pelo menos acadêmica, do trabalho doméstico, é em grande parte uma vitória do movimento feminista também no campo científico. Por um lado, na América Latina, as feministas acadêmicas desvendando as formas de subordinação social da mulher, particularmente as que tinham a ver com a sua vivência e com a das mulheres das classes mais pobres com as quais realizaram trabalho conjunto. (Não por acaso se fizeram tantos grupos de reflexão). Paralelamente, nos países do capitalismo dominante, como já foi referido, estudos sobre a questão que lhes era mais próxima: a do trabalho da dona-de-casa. A da esposa e mãe presa ao artesanato doméstico, em seguida ainda presa aos eletro-domésticos — que as pesquisas provaram não poupar tempo de trabalho, porque o ideológico é ainda mais ágil — sem disponibilidade para a atividade profissional.

Um terceiro grande traço comum às duas grandes modalidades que assume o trabalho doméstico, decorre de uma extensão do mito da "segunda natureza": não há limite horário para o seu exercício — do mesmo modo que se é "feminina" as vinte e quatro horas do dia, ou que se tem necessidades corporais as vinte e quatro horas do dia... Não há hora para começar, nem para terminar as tarefas — a fome ou a doença ocorrem a qualquer hora; as crianças estão em casa a maior parte do tempo; a casa fica suja e desarrumada — uma mulher estará sempre lá, para atender...

Até ao lazer da família, das visitas, corresponde o trabalho da dona-de-casa que "obsequia", ou da empregada que sua na cozinha. Ou das duas.

O grande traço específico do trabalho das donas-de-casa é ser gratuito. O grande traço específico do trabalho das empregadas domésticas é ser assalariado, mal pago e só parcialmente monetarizado.

O traço comum, final, às duas formas: Quase todas as mulheres exercem — pelo menos em um período da sua vida — parcial ou totalmente, o trabalho doméstico não-remunerado. E grande parte das mulheres pobres, no capitalismo dependente, também exerce — igualmente ao menos um período de vida — o trabalho doméstico remunerado.

Quanto às diferenças entre as duas formas de trabalho doméstico, elas existem de forma acentuada no âmbito das relações sociais entre as trabalhadoras e a família para a qual o trabalho realizado; e no âmbito das possíveis relações de classes. Uma dona-de-casa pode pertencer a qualquer das classes existentes em uma determinada sociedade; uma empregada doméstica é sempre pobre, um produto típico da sociedade capitalista. Uma dona-de-casa, por mais pobre ou subordinada que seja, trabalha para a sua própria família, vive um clima afetivo especial; uma empregada doméstica trabalha para uma família que não é a sua, vivendo um clima afetivo contraditório, às vezes ilusório, não raro até agressivo. Por fim, uma dona-de-casa e uma empregada doméstica podem estar em posição social oposta, representando interesses sociais e econômicos opostos, mesmo quando não representam a contradição principal de classes da sociedade. Então, mesmo conservando o substrato feminino, "natural", do doméstico e subordinado comum, não raro os interesses de classe predominam — é o grande impasse que o feminismo vive.

A diferença decisiva: um é assalariado, o outro é gratuito. Agora, a força de trabalho da empregada doméstica não é vendida para produzir lucro e, portanto, criar mais-valia, mas para produzir valores de uso. Nessa condição, define-se como trabalho improdutivo. A dona-de-casa, que também produz valores de uso, não vende, entretanto, a sua força de trabalho — consequentemente, seu trabalho não pode ser definido nem como produtivo, nem como improdutivo.

Concentrando-se o foco no emprego doméstico, o serviço realizado por um mesmo e grande contingente de classe, e de sexo, os grandes traços comuns permanecem, e até convergem os dados estatísticos na América Latina: O emprego doméstico absorve o contingente mais alto de mulheres na população economicamente ativa, das várias sociedades nacionais, em proporção que varia pouco de país para país, e em 1980 situa-se em torno de 20%:

Brasil.....	19,9 %	(Pereira de Melo, 1984)
Chile.....	21%	(Galvez y Todaro, 1983)
Argentina.....	20,57%	(Gogna, 1980)
Colômbia.....	20%	(Garcia Castro, 1981)
México.....	20%	(Goldsmith, 1984)
República Dominicana ...	27%	(Duarte, 1983)

Entretanto, e contraditoriamente, a importância social e o amparo legal que tem a empregada doméstica corresponde exatamente ao avesso da sua grande participação na força de trabalho: quase nenhuma... Exatamente porque a empregada doméstica, a herdeira direta e pobre do desvalor social da dona-de-casa, que "não trabalha", tem o agravante de ser não apenas pobre, mas trabalhar para a família "dos outros" e, no caso do Brasil, ser "de cor".

Mudanças vêm-se delineando. As estatísticas mais recentes corroboram, além dessa participação alta na PEA, e que continua a crescer, também uma outra tendência, que vem-se configurando claramente desde a década de sessenta, e partilhada igualmente por outros países da América Latina: a regressão relativa dessa participação do serviço doméstico na PEA, se comparada aos decênios anteriores. No caso do Brasil, por exemplo, em 1970 essa participação era de 27% na PEA feminina; lembre-se que caiu para 19,9% em 80. Segundo Pereira de Melo (1984), entre 1970 e 1980 o emprego feminino no Brasil cresceu em 92%; o emprego doméstico, somente 45,9%. Estudiosos de outros países latino-americanos acusam fenômeno semelhante. (Por exemplo, Garcia Castro, 1982).

Os dados para a Bahia confirmam: 34,54% da PEA feminina ocupada em serviços domésticos em 1970, e somente 27,21% em 80.

33. Embora a comparabilidade de fique um pouco prejudicada pela diferenciação de critérios de classificação dos Serviços de Conservação de Artigos de Vestuário e de Serviços de Vigilância e Guarda, entre os Censos de 70 e 80. (Em 80, constam como Serviços Domésticos).

Dados que igualmente confirmam a importância do emprego ^{doméstico} na população economicamente ativa deste Estado, proporcionalmente maior que para o Brasil, como um todo³³. Mesmo assim, não infirmam o referido processo de declínio relativo dessa forma de ocupação: Calcula Araújo Castro (1985) que o serviço doméstico remunerado representou para o emprego feminino, em 80, apenas 60% do que significou em 50.

Isso deve ser efeito da dupla tendência — são aparentemente contraditória — da atual conjuntura: o crescimento e diversificação da participação feminina na força de trabalho, com a conseqüente "invasão" de áreas de atividades antes masculinas; e a intensificação da crise econômica pós-"milagre".

Na Bahia, — o que o Censo não consegue revelar, totalmente, mas os dados de campo documentam — vem ocorrendo, nos anos mais recentes, uma diversificação interna ao ramo Serviços Domésticos Remunerados, com o crescimento, gradativo mas acentuando-se, do contingente de diaristas — o que significa uma menor utilização ^{em} categorias convencionais das efetivas — e um crescimento do contingente masculino nessa área. Deve corresponder, também, a outras mudanças, principalmente a uma outra diversificação, muito mais abrangente, — esta, percebida pelo Censo — ainda no setor Terciário, na esfera dos Serviços de Consumo, onde se deu, de acordo com os dados para 1980, um crescimento da ocupação feminina não só em outros ramos do próprio Serviço de Consumo Individual (onde ela sempre foi predominante, devido ao peso do Serviço Doméstico), como também no Consumo Coletivo; Segundo Araujo Castro (1985) "cada vez menos um espaço masculino". ("53% dos homens em 70, contã 62% em 60 e 80% em 50").

Tudo isso representa, então, além das mudanças a nível ideolõ-gico, (a gradativa abertura social para a mulher) as maneiras de en

frentamento, a nível coletivo e individual, da crise que atravessa o país, através das seguintes tendências:

1. Crescimento do emprego feminino em áreas dantes "masculinas", também como maneira provável de manutenção do nível de acumulação do capital, pela possibilidade, socialmente sancionada, de pagarem-se salários mais baixos às mulheres. (cf. Braverman, E Sullerot). Porque há toda uma justificação ideológica para isso, sob as formas cotidianas ou mais elaboradas de: "trabalhar para ajudar o marido", ou "salário para complementar o orçamento doméstico" — que situam, muito claramente, o conceito social da mulher (autoavaliação dela, também..) como trabalhadora de segunda ordem. (Lembre-se, a propósito, o "ser secundário" ("être second") de Sullerot, ou o "segundo sexo", de Simone de Beauvoir.

2. Crescimento do Emprego masculino em áreas de trabalho antes "femininas", como o serviço doméstico. Corroborando, mais uma vez, a conhecida tendência histórica de privilegiar-se a mão-de-obra masculina, em detrimento da feminina, nos momentos de crise, quando o emprego é difícil. (Tendência que encerra vários desdobramentos, mas que não é oportuno especificar aqui, agora). (Ver Britto da Motta, 1984).

3. Crescimento da utilização do serviço de empregadas domésticas da categoria diarista, — que enseja que uma só empregada possa atender de uma a seis famílias, por semana, a depender do número de dias que "dê" em cada casa. Se se tratar das que já se especializaram em técnicas de congelamento de alimentos — a sub-categoria mais moderna e sofisticada de diaristas — o tempo médio de realização dos serviços por família chega a ser de apenas dois a três dias por mês.

Em que essa tendência mais atual, mais próxima da organização capitalista dos serviços domésticos, expressa também a crise? Pelo fa

to de, embora pagando relativamente bem mais o dia de trabalho da diarista do que o da empregada efetiva, que recebe salário mensal³⁴, a família empregadora/contratante utilizar um tempo concentrado (maior produtividade) de trabalho dessa servidora, além de fornecer um número muito menor de refeições e de outros elementos do pagamento em espécie que ainda compõem a remuneração do empregado doméstico no capitalismo dependente. Mais ainda: elimina-se o gasto com a contribuição para a Previdência Social, e realizam-se até pequenas economias, como aquelas, devida ao menor espaço de tempo de utilização, do gás de cozinha e da energia elétrica. Em resumo, cresce um pouco a proporção do salário monetarizado, mas decresce a do salário em espécie e outros gastos suplementares.

Para a empregada que já tem família constituída, principalmente filhos, a atividade de diarista vai ser estimulada pelas vantagens de salário imediato maior, mas, principalmente, pela possibilidade de ter jornada de trabalho definida, dormindo em casa e descansando (?) domingos e feriados.

Tanto é mais próxima da organização capitalista, essa modalidade de serviço doméstico, que já é também agenciada mais ou menos empresarialmente por instituições se não privadas, pelo menos públicas,

34. Comparação ganhos diário e mensal das empregadas efetivas e diaristas, para 5 ou 6 dias de trabalho semanal em Salvador:

Salário médio atual da empregada doméstica efetiva: \$ 200.000 a \$ 250.000 (o que significa \$ 6.600 a \$ 8.300 por dia).

Remuneração média da jornada da diarista: \$ 20.000.

O que significa \$ 440.000 mensais para 5 dias de trabalho semanal ou \$ 520.000 mensais, para 6 dias de trabalho semanal.

(Salário mínimo regional: \$ 333.120).

governamentais. A mão-de-obra é idêntica à da contratante individual, por conta própria ou das suas relações sociais mais próximas, ^(mas em) em certas características gerais ^{de organizações de trabalho} que já se vão consolidando: jornada de trabalho de oito horas, com um horário intermediário para almoço; tarefas previamente definidas; pagamento imediato. (Do qual uma pequena parte, no caso da intervenção de instituição agenciadora, é a ela destinado).

4. Talvez já caiba o registro de novas, incipientes formas de exercício do trabalho doméstico, frequentemente significando um começo de nova divisão sexual do trabalho na família. Refiro-me ao fato muito recente e ainda pouco difundido, de pessoas, individualmente, ou de famílias, geralmente composta por casais jovens, que pertencendo a classe social que teria a disponibilidade financeira para utilizar os serviços de uma empregada, preferem não fazê-lo, por questões de convicção pessoal (crescimento da consciência social?) ou procura de maior privacidade, e dividem entre si as tarefas domésticas. A tendência, embora ainda estatisticamente irrelevante, é plena de significado, inclusive porque expressa um princípio de quebra do mais internalizado e enrustido dos usos sociais, que é o da domesticidade como atribuição feminina exclusiva.

Enquanto a mudança não se completa, os anteriormente referidos — e outros — traços comuns ou universais ao serviço doméstico persistem como dominantes. Esquematizo-os, muito brevemente, agora, como fecho complementar do capítulo, mas ao mesmo tempo antecipação do próximo, onde essas características reaparecerão, empiricamente respaldadas nas pesquisas que realizei e nos trabalhos que citei.

As empregadas são, em maioria:

jovens
pobres
migrantes

- de baixa escolaridade
- de baixa qualificação para o mercado de trabalho
- racialmente objeto de preconceito.

Suas condições no trabalho:

- Baixos salários, parte em espécie
- Sem jornada de trabalho especificada
- Sem descanso semanal e anual regulares
- Quase sem espaço na casa dos patrões
- Com pouco espaço no próprio quarto que é referido como seu.
- Sociabilidade pouco ou não reconhecida.
- Sexualidade negada, ou exigida às escondidas (o que constitui outra forma de negação).
- Relações de trabalho e relações afetivas misturadas, com enorme carga ideológica.

Variáveis intervenientes:

- A classe social dos patrões
- O tamanho e o ciclo de vida da família empregadora
- As relações sociais da empregada na cidade.
- Grau de consciência da sua situação social.

PARTE II

A INVESTIGAÇÃO

É impossível uma análise estritamente econômica do Serviço Doméstico — como, aliás, de qualquer outro tipo de trabalho socialmente classificado como "feminino", de tal forma os fatores culturais atuam no acesso, nas formas de participação ou organização no trabalho, e na manutenção ou retirada da mulher no mercado de trabalho. Apenas, no caso do Serviço Doméstico, a dificuldade é maior por causa da desconcertante associação de elementos de diferentes formas organizativas que o compõem: traços servis, fortes elementos da produção doméstica para o autoconsumo, elementos do assalariamento capitalista.

Heterogeneidade que se expressa, por exemplo, na modalidade de remuneração — parte monetarizada e parte em espécie — e pelo contraditório tipo de relações mantidas entre empregadas e patrões — parte afetiva e parte racional (cf. Weber). Um afetivo que vai tanto pelo gostar como pelo confrontar e até odiar; e um racional quase inexecutável, porque não se desembaraça do afetivo, nem das imprevisibilidades da vida cotidiana nas famílias, não conta com uma base contratual explícita, nem com a real obrigatoriedade legal.

Sintetiza, perfeito, Jelin (1977): Não sendo parte do processo de produção e de circulação nas economias capitalistas, não há parâmetros para medi-lo...

Por outro lado, estudar-se trabalho doméstico apenas pelas informações disponíveis nos Censos é também impossível, ou pelo menos par

cial. Se o foco de análise é o trabalho da dona de casa, este não é computado — exceção, no Brasil das últimas décadas, do Censo de 1950 — porque, como já foi referido, ela é considerada inativa! Se o objeto de estudo é o Serviço Doméstico Remunerado, incluído na subesfera do terciário, Serviços de Consumo Individual, as informações serão incompletas: o salário computado será apenas o monetarizado e as subdivisões internas à ocupação não aparecem — e não são as subcategorias ocupacionais, como também as modalidades de exercício da ocupação: efetiva ou diarista³⁵.

Além disso, os dados disponíveis não são desagregados por cidade, a não ser que se tenha recursos para encomendar tabulações especiais, de sorte que desejo estudar Salvador, por exemplo, mas só tenho dados censais para a Bahia.

Então, como estudar o trabalho doméstico de forma realmente desvendadora?

Proponho, após a discussão teórica sobre a função social do trabalho doméstico, um duplo enfoque de análise, resultante de levantamento direto e em profundidade com membros da categoria ocupacional em estudo:

1. Aferição das condições concretas de realização do trabalho — salário, jornada de trabalho, descanso remunerado, etc — e das relações que ocorrem, ou se supõe ocorrer, no local de emprego.

35. Analisando emprego doméstico masculino (1984), enfrentei dificuldade adicional diante dessa extrema agregação dos dados, porque era analiticamente importante definir quantos indivíduos realizavam tarefas socialmente definidas como "femininas" (cozinheiras, babás, etc.), e quantos executavam tarefas aceitas como "masculinas" (faxineiros de áreas externas da casa, jardineiros, etc.)

2. Percepção da visão de mundo da trabalhadora doméstica³⁶, através do seu próprio discurso sobre temas estruturais.

Em dois períodos de tempo diferentes, porém não muito afastados, realizei pesquisas, na zona sul da cidade de Salvador, sobre empregadas domésticas — suas condições de trabalho, relações com os patrões, sua família e vida associativa geral, visão de mundo. A primeira, com levantamento de campo realizado entre agosto e novembro de 1976, num conjunto habitacional de apartamentos "classe média" que nomeio "Conjunto Todos os Santos", constituiu a base empírica central para a já referida Dissertação de Mestrado, "Visão de Mundo da Empregada Doméstica" (1977). O segundo levantamento, entre junho de 1979 e janeiro de 1980, ocorreu em grandes casas burguesas em um dos morros "elegantes" da cidade — que venho referindo como "Jardim Independência"³⁷.

Ambos os levantamentos foram precedidos de censos prospectivos, visando a construção da amostra e algumas informações imediatamente necessárias, tais como: número de empregadas em cada apartamento ou casa; sua origem rural ou urbana; estado civil e número de filhos; e mais algumas informações — difíceis de ser obtidas — sobre os patrões.

A coleta fundamental foi realizada através de entrevistas, muito longas, com um número grande de perguntas, e especial atenção ao discurso das empregadas. Era importante perceber as suas reais condições de trabalho, como se sentiam nas relações estabelecidas a partir dele e em relação à sociedade mais ampla.

36. Para uma prévia definição de Visão de mundo consulte-se Goldmann, (1952).

37. Uma parte desses dados serviu de fundamento para o trabalho referido na nota 14.

No primeiro estudo o espaço de observação foi ampliado para abranger, durante um período mais curto, dois outros grupos fora do Conjunto Todos os Santos: observação e pequenas entrevistas com empregadas em conjunto habitacional um pouco mais sofisticado; e observação participante em um curso de culinária específico para domésticas, organizado por associação beneficente³⁸.

No trabalho sobre as empregadas domésticas de famílias da classe dominante, tentei um outro espaço de observação em apartamentos de luxo em morro próximo ao da observação central, mas foi impossível prosseguir: os porteiros tinham ordens inflexíveis de não permitir a subida de "estranhos"...

No Conjunto Todos os Santos foram realizadas 41 entrevistas (35% do total de empregadas), e no Jardim Independência, 31 entrevistas (41%). No primeiro caso, foi mantida a amostra planejada, estratificada por idade, mas no segundo levantamento o número das entrevistas correspondeu apenas ao exato total daquelas que se dispuseram ou tiveram a permissão dos patrões para ser entrevistadas, depois de um longo período de tentativas nossas.

A escolha de dois grupos de domésticas, que servem a classes sociais diferentes — pequena burguesia de profissionais liberais, burocratas da administração pública e privada; e burguesia mais tradicional, sobretudo agrária-comercial, mas também industrial — visou a percepção das alternativas de condições de trabalho e de vivência cotidiana, assim como as relações estabelecidas, num espaço definido, entre classes sociais diferentes embora não-antagônicas em relação ao modo de produção, no primeiro caso, e não diretamente antagônicas, no segundo caso, porque apenas o confronto (?) de fração da reserva e

38. Para detalhes sobre os procedimentos de campo, consulte-se os referidos trabalhos, respectivamente às páginas 6-11 e 6-6.

uma burguesia, sim, porém não em relações de produção tipicamente capitalistas.

Essas relações foram sempre vistas a partir do discurso das empregadas — que era o interesse primordial — mas informações complementares a partir dos patrões seriam desejáveis, entretanto foram, pelo menos na segunda pesquisa, impossíveis, porque estes sentiram-se muito ameaçados pelo possível confronto e pela inevitável penetração na sua intimidade, chegando um deles à situação limite de tentativa de intimidação.

Todo o tempo analisou-se a consciência possível (Goldmann, 1967) das empregadas diante da sua situação ocupacional e de classe, e o grau de coerência estrutural de visão de mundo que elaboraram³⁹.

39. Para uma exposição do conceito de visão de mundo e suas possíveis estruturas, ver Britto da Motta, 1977 e 1980.

AS EMPREGADAS

As setenta e duas empregadas entrevistadas constituem uma população muito homogênea e também com características muito semelhantes às das outras que tenho conhecido, ao longo dos anos: Em um único ponto, apenas, divergem: As empregadas no morro "elegante" são, em maioria, bem menos jovens do que as do conjunto habitacional "classe média", tendo, em consequência, o correspondente índice de permanência em Salvador mais alto.

No Conjunto Todos os Santos são jovens (73,2% entre 12 e 27 anos) mulatas (56,5%) ou pretas (31,7%), solteiras (87,8), originárias do interior do Estado (87,8%), do setor de substância (70,7%). Somente três nascidas em Salvador. Nível de instrução primário incompleto (51,2%), analfabetas ou semi-analfabetas (26,8%). 21% têm menos de um ano de permanência na cidade e 36,8% têm mais de cinco anos em Salvador.

No Jardim Independência é que a empregada é bem menos jovem — a moda recai no grupo de 33 a 37 anos (25,8%). Outras 32,2% têm idades entre 38 a 69 anos. Essa idade bem mais avançada, das empregadas que servem à classe dominante, confirma observação que fiz anteriormente: as gerações mais jovens dessa classe recebem, por ocasião do casamento, o "dote" de experientes e antigas "crias da casa" da família — casa urbana, mas também casa de fazenda. Os dados sobre tempo de permanência no emprego reforçam essa hipótese: 42% delas têm de oito a vinte anos no emprego.

No mais, as empregadas do Jardim Independência são como as outras: ,mulatas (43,3%) ou pretas (29%), solteiras (74%), originárias de áreas rurais do interior do Estado (64,5%), com apenas duas nascidas em Salvador.

(Repare-se a confirmação da importância da migração em Salvador: Para essa categoria ocupacional, em setenta e duas pessoas, apenas cinco nasceram em Salvador).

Têm, ainda em comum com as outras, nível de instrução sobretudo primário incompleto (54,8), com 25,8% de analfabetas ou semi-analfabetas. E de diferente, o antes mencionado índice de permanência na cidade: apenas 12,9% têm menos de um ano em Salvador, enquanto 67,7% têm mais de cinco anos. Esse tempo de permanência muito mais prolongado que o observado para empregadas de famílias de "classe média", constitui um outro reforço da hipótese sobre a "herança" de empregadas nas famílias burguesas.

No grupo do Todos os Santos, onde não há casadas (são 4,9% separadas), 90% delas mora na casa dos patrões. No Jardim Independência, onde existem algumas casadas ou amasiadas, ainda assim 71% delas reside "no emprego". Às vezes, também com os filhos.

AS CONDIÇÕES NO TRABALHO DOMÉSTICO

No Conjunto Todos os Santos, com apartamentos de tamanho médio, de três quartos e um sanitário, 73% das empregadas realizam todo o serviço da casa. No Jardim Independência, com suas casas amplas de mais de um andar, terraços e jardins, e muitos empregados em tarefas diferentes, somente foi encontrado um caso de empregada que faz todo o serviço da casa. A categoria ocupacional mais encontrada foi a de cozinheira (38%), seguindo-se em número as de cozinheira-arrumadeira.

Mesmo nessas casas luxuosas, os salários são relativamente baixos. No Todos os Santos, eram baixos: o salário modal, entre setembro e novembro de 1976, era de Cr\$ 286, e o mais alto salário, Cr\$ 500 — apenas um caso. (O Salário Mínimo em Salvador, na época: Cr\$ 868,80). 7,3% recebiam "gratificações" ou "o que precisar", porque era "cria da casa". No Jardim Independência, entre junho de 1979 e janeiro de 1980, 61% recebiam entre Cr\$ 1.500 e Cr\$ 2.000, e 29% até Cr\$ 2.500. O salário mais alto encontrado foi de Cr\$ 3.200 — um único. (Salário mínimo da época: Cr\$ 1.797,60)

Quanto a esses direitos preconizados pela Lei, a situação encontrada foi a seguinte:

Folgas — O mais comum, nas duas áreas, — padrão que observo ainda muito generalizado — é a folga quinzenal; mas no Todos os Santos 7,3% não tinham e 17% não utilizavam regularmente a folga. No Inde-

pendência, apenas 9,6% não tinham folgas regulares. Os motivos alegados para a não-utilização regular da folga, foram: não gostar de sair, ou, principalmente, preferirem o sistema de sair sempre que quiserem. (Sem referências a todas as limitações que seguramente teriam...)

As reivindicações por melhores condições de trabalho são quase inexistentes, e mesmo as salariais são muito tímidas. Os modos de verbalização expressam isso: Pede-se aumento, os patrões dão férias e/ou folgas... "Pedi um mês de férias a ela, e ela me deu sem fazer cara feia". O conhecimento da Lei 5.859 (que regulamenta a profissão de empregado doméstico) é inexato — espera-se menos ou demand se mais, e sō muito recentemente observa-se um maior interesse pela posse da carteira de trabalho, assinada pelos patrões.

Nos dois grupos estudados, assinatura de carteira, férias e folgas eram vistos sobretudo como concessões dos patrões: "Não pediram para assinar, não faço questão". "Não quis porque não tenho amigos aqui, mas se ~~eu~~ pedisse, acho que conseguiria".

Relativamente poucas têm férias. No Todos os Santos, menos de 40%. (Uma prefere receber o dinheiro correspondente). No Independência, pouco mais de 50% têm, e duas também recebem o dinheiro. Embora algumas expressem o bom que pode ser ter quase um mês fora do trabalho para descansar, a maioria preferiria, aos vinte dias úteis burocraticamente contabilizados, tê-los repartidos por duas ou três festas anuais no Interior; principalmente São João e Natal.

Não existe uma correspondência sequer aproximada entre o gozo dos diferentes direitos facultados pela legislação específica: Por exemplo, entre a assinatura da carteira e o direito a férias. Existe uma relação em termos de idéias, claramente expressas, mas não na realidade. Embora observando, há anos, o crescimento do número das que têm férias basicamente a partir da promulgação da referida Lei (1972) e do Decreto que a regulamenta (1973), os resultados encontra

dos nos dois levantamentos quanto à existência da carteira assinada, demonstraram um índice ainda muito baixo no Todos os Santos -- 22%. No Jardim Independência, três anos depois, esse índice já é bem mais alto — 77%. Diferença que não terá decorrido apenas da passagem do tempo, com crescimento do uso ou da consciência da necessidade dela, mas, certamente, também da situação de classe dos patrões - a condição financeira que permite tranquilamente a substituição eventual da empregada em férias, e a busca de uma situação que não lhe acarreta preocupações legais posteriores.

Uma prova da referida pequena atuação reivindicatória dos empregados, que significa, antes de tudo, a informação insuficiente sobre os próprios direitos, misturados com a natural reação aos preconceitos ainda vigentes, está também aqui: No Todos os Santos, 17% das carteiras assinadas o foi por sugestão ou exigência dos patrões, segundo declararam as próprias empregadas. No Jardim Independência, esse percentual foi a 45. E os motivos declarados por elas para não terem ou não quererem ter a carteira assinada foram, principalmente, além daqueles que revelavam desconhecimento das vantagens da filiação à Previdência Social, a resistência a ter "esse nome feio, empregada", anotado na carteira, ou a ter nela computado salário baixo, temido como possível de dar a outros patrões a impressão de que não sabiam trabalhar, inclusive sugerindo a manutenção de salários baixos... ou ainda a consideração do desfalque que significava o pagamento da quota devida ao INPS, no seu pequeno salário.

No Conjunto Todos os Santos, 90% das empregadas mora na casa dos patrões. No Jardim Independência, 75%. Neste, algumas têm os filhos com elas "no emprego" — o que terá sido facilitado, certamente, pela amplidão da área dessas mansões e o relativo isolamento que propicia inclusive pelo fato de frequentemente nelas os quartos de empregada estarem em anexos, atrás da casa principal. Sendo os filhos comumen

te fator impeditivo do exercício do emprego doméstico, pode-se bem avaliar o quanto de fidelidade aos patrões essa concessão implicará. ("Não acho justo tirar férias se a patroa sustenta os meus dois filhos. Acho que é exploração".) No Todos os Santos, apartamentos com o usual minúsculo quarto de empregada, sô havia um caso de manutenção de filho — recém-nascido — na casa dos patrões.

Morando, a maioria, então, na casa dos patrões, trabalham ao longo do dia, sem horário definido para terminar. Mas quase todas dispõem de algum tempo para repouso ou lazer, à tarde.

É precisamente nas condições de alojamento da empregada na casa dos patrões, onde ficam mais patentes as diferenças que advêm, para elas, das condições socio-econômicas daqueles. Enquanto nos apartamentos do Todos os Santos os quartos são exíguos, parcamente mobiliados e atravancados por "guardados" dos patrões — os quartos sendo o lugar onde são postas todas as coisas que "sobram" pela casa, e também o material de trabalho doméstico (da enceradeira à mesa de passar roupa) — nas casas do Jardim Independência há quartos espaçosos, com armários, colchões bons, não raro televisão (mais frequentemente, pela razão óbvia, na cozinha...), espécie de "suite" com chuveiro d'água morna, quase sempre o já referido anexo à casa.

Quanto à alimentação,^a totalidade das empregadas de famílias de "classe média" respondeu que come o mesmo que os patrões, enquanto as que servem à burguesia não atingem essa unanimidade, embora cheguem perto: apenas cinco informaram que não comem sempre o mesmo que a família empregadora. Exceto pela que afirmou não gostar do tipo de pratos que usam, (o que não é incomum, pelo que tenho observado), outras quatro mostram onde está a diferença: na qualidade da carne usada. Não comem filê "mignon", às vezes também camarão.

Apesar do tempo "corrido" de trabalho, umas raras conseguem ganhar algo mais, exercendo outras atividades, geralmente nos dias de

folga, em casa, ou nas imediações do local de trabalho — alisar cabelos, lavar carros, fazer faxinas avulsas, contam as do Todos os Santos. Manicure, costureira — as do Independência.

A diversidade de padrões no emprego a serviço de famílias de classes sociais diferentes volta a apresentar-se quando se avalia o tempo de permanência nesses empregos. Enquanto no Conjunto Todos os Santos as empregadas demoram pouco — 44% tinha de dois meses a um ano no emprego, no Jardim Independência, como já foi citado, a permanência é longa: 42% tinha de oito a vinte anos no emprego. Tendência esta que contraria o conhecido "turn over" dessa mão-de-obra, mas pode confirmar as melhores condições de conforto nessas casas e, talvez, de trabalho menos intenso, porque dividido entre vários empregados. Sem esquecer a ponderável possibilidade de manutenção dos filhos na casa empregadora.

Na visão que têm da relação com os patrões, os dois grupos de domésticas voltam a coincidir.

A RELAÇÃO COM OS PATRÕES

A relação com a família empregadora é vista sempre como uma relação com a patroa. Geralmente de maneira idealizada: 71% das empregadas do Todos os Santos e 70% das do Jardim Independência afirmaram ter encontrado boas patroas. Apenas uma, no Independência, respondeu "Não"; enquanto que poucas, nos dois grupos, colocaram o alternativo "Algumas Vezes".

Há vários níveis de explicação para resultados tão exageradamente positivos. Um deles, suponho, refere-se a sentimento de autovalorização em servir a alguém "bom"... Que é um pouco, também, sentir-se como boa. Que mais poderia ter levado uma das empregadas do Independência a afirmar que tem sempre encontrado boas patroas, quando meia hora antes havia contado ser muito explorada pelos patrões, porque faz quase todo o serviço da casa sozinha e ao ser operada, dois anos antes, não recebia o salário e ainda pagava ao INPS com o seu próprio dinheiro?!

Dizem gostar de conversar com a patroa — 63% no Todos os Santos e 55% no Independência. Poucas expressaram sentimentos classistas, sempre em tom pouco agressivo:

"Não gosto muito, a gente é de outro nível",

"Não aceito, não tenho jeito de bater papo com patroa nem patrão"

"Depende. Tem certas patroas que é melhor a gente ficar quieta".

Explicando porque gostam de conversar com a patroa, expressam sentimento de amizade e, mais uma vez, de autovalorização:

"É muito boa comigo, me apresenta aos amigos dela. É minha amiga".

"Ela é como uma amiga para mim, não me explora".

"Conversamos muito. Ela me conversa coisas da vida dela, eu falo da minha vida pra ela".

"Ela não tem besteira, é uma pessoa muito boa".

"É minha segunda mãe".

Conversando, vão deixando transparecer as motivações básicas, o que precisam buscar nessas relações: o resgate da relação primária, que significa, ao mesmo tempo que afetividade natural, busca de calor humano e da substituição da família ausente, também procura de nivelamento social — e seu complemento imediato, o referido sentimento de autovalorização, ou autoafirmação, pela situação de "amizade" ou "parentesco" com pessoas de "status" social mais alto.

Como parte desse quadro, em geral declaram afeto pelas crianças da casa e reciprocidade, às vezes intensa, por parte destas: "Aqui tem uma de dois anos que dá a vida por mim!" Mas nenhuma quer ser babá. "Não tenho paciência". Ou: "É muita responsabilidade".

Principalmente no caso das empregadas do Independência, uma ligação mais forte é estabelecida com as crianças que, realmente, viram crescer, ajudaram a criar, ou até porque cresceram juntas: "É como se eu fosse da família. É como se fosse irmão", diz a moça que, tendo começado a servir à família com quem estava, há dezesseis anos, já chegou aos doze!

O patrão é uma figura desejavelmente apagada, nesse quadro matrifocal. Não deve dar ordens nem fazer reclamações diretamente à empregada. "Se acertei as coisas com ela, ela é que deve falar as coisas com a gente".

"Só uma vez ele me reclamou — chorei o dia todo".

"Acho que ele tem que falar pra esposa e ela reclamar da empregada".

"Ela falando, dá melhor".

A experiência excepcional, ela emergindo como a mulher/mãe, na casa sem patroa, habitada por três rapazes: "Me sinto como dona da casa".

Hã aspectos da relação, tanto com a patroa como com o patrão, que aparecem com muita dificuldade nesses depoimentos, a ponto de não parecerem ser importantes na vida da doméstica — pelo menos das aqui estudadas. Refiro-me a âmbito da competição e/ou da agressividade sentida/exercida em relação à patroa (Claro que não infundadamente!); e o da ocupação do lugar de objeto sexual em relação ao patrão.

Na realidade, tive mais depoimentos e testemunhos, nesse sentido, no grupo de controle acompanhado em 76/77, do que nas declarações das entrevistadas principais. Ocorreu uma diferença nas declarações, também, entre os dois grupos maiores estudados. Colocada a pergunta "algum patrão já lhe fez proposta ou investida de caráter sexual"; quase 25% das empregadas em apartamentos responderam afirmativamente, mencionando não apenas o patrão, mas também, ou alternativamente, os rapazes da família, e até, em um caso, o irmão da patroa. Apenas 12% das empregadas nas casas burguesas revelaram investidas desse tipo, mas, curiosamente, entre as que responderam "Não", existe uma que tem uma filha com um ex-patrão...

Bem, é claro que ela provavelmente terá desejado essa relação sexual com o patrão — aliás, como outras, seja por afeto, seja por interesse outro — e por isso não terá anuído ao espírito da pergunta na entrevista, onde a palavra "investida" tem um sentido reconhecida mente negativo.

A propósito, é bom que se pontue quanto será importante, numa análise justa da realidade social, entre tantas e tão complexas formas da desigualdade e do conflito, que o cientista social se desembarrace do mau uso que vem, não raro, fazendo, — seguramente sob o im-

pulso de uma espécie de má consciência, misturada com a ilusão de sentir-se e parecer socialmente progressista — da figura do oprimido como a pobre vítima, ou o sempre bom, ou o direcionado para o futuro. Marx — é sobejamente conhecido — já havia alertado para a não-individualização das características de classe. Goldsmith (1980/81) expressa isso agora, e exatamente a propósito da relação patroa/empregada. Vamos ficar lembrados.

"Es obvio que hay variaciones de personalidad dentro de todas las clases sociales. Ser proletario no garantiza el buena persona, ni es razón en sí para ser revolucionario; al mismo tiempo, hay una serie de burgueses que, como individuos, son muy generosos. Estas cuestiones individuales y de carácter afectan la relación entre patrona y empleada".

Mas é mesmo a relação com a patroa que é vista como a relação fundamental no trabalho. Até a ponto de exagero. É tanto por parte das empregadas, como da própria família empregadora. Igualmente, da sociedade, em geral, e, espantosamente, até de cientistas sociais! Quando referi, em trabalho anterior, (1981) a patroa como "a emergente da família numa luta de classes que se trava quase corpo-a-corpo", disse pouco. Ela é a emergente da família em tudo que tem a ver com o doméstico. Nos casos de boa relação com a empregada, é, conforme referido, há pouco, quem deve falar, transmitir as ordens e até as possíveis críticas a ela — a empregada espera isso, e a família, também. Nos casos problemáticos, é quem despede a empregada e assume, parcial ou totalmente, os trabalhos da casa.

Na discussão científica sobre o quanto a existência de trabalhadores domésticos ainda abundantes e baratos tem, entre muitos outros efeitos, o de contribuir para a melhoria da qualidade de vida das famílias de classes mais altas, sob a forma de descanso ou de lazer de quem não precisa realizar as infindáveis pequenas tarefas do cotidiano, nessa análise científica jamais é deixado sem menção como a pre-

sença da empregada doméstica na casa facilita à patroa a possibilidade de ingressar na força de trabalho, ou nela manter-se, inclusive sem precisar realizar a dupla jornada. Curiosamente, esse fato é sempre expresso assim, desavisadamente de maneira ideológica. A dona de-casa encontra alguém que realiza o 'seu' trabalho...

Ninguém lembra que está partindo do pressuposto ideológico de que a realização do trabalho doméstico é obrigação (ou papel...) — da mulher/mãe/dona-de-casa. Apaga-se, tacitamente, a informação de que os outros membros da família, que também usam a casa e seus serviços, es tão igualmente liberados para trabalhar, descansar, etc., pelo fato de haver quem faça os trabalhos domésticos para eles!

A versão mais atual dessa postura ideológica é, num aparente des vendamento feminista, referir-se um reprovador ou espantado "mulher que explora mulher!"

Quanto à competição e agressividade na relação empregada-patroa, ela se origina, mais diretamente do que das relações de classe, no jogo de dominação/subordinação a nível individual.

Lembra Zaira Farias (1982) como esse jogo se inicia já na forma da "contratação" da empregada, com um mero registro verbal, em que a maioria das "cláusulas" é ditada pela patroa. Além das normas expres sas nessa ocasião, sobre salário, dormir "no emprego" ou fora, horário provável, folgas, etc, há outras que já estavam implícitas, para a patroa, desde o tempo anterior, de recrutamento da empregada, algumas das quais não devem ser verbalizadas. A empregada deve atender a certas exigências de caráter físico/racial/etário, às vezes também social, que correspondem à representação que a patroa, individualmente, ou a família empregadora, têm para a trabalhadora para a sua casa, ou para realizar determinada tarefa doméstica.

Por exemplo: jovem, para babá. (Para ter disposição de brincar com a criança, ter paciência). Mais velha (pela experiência) para

cozinheira. Definidamente negra, ou, ao contrário, que não seja "de cor". (Racismo e competição social/sexual associados). Idosa e/ou não-bonita (Para não exercer atração sobre o marido). Do Interior do Estado. ("Porque já vou botando no meu jeito"). Alfabetizada (Para ler receitas culinárias e poder fazer mandados de rua). De habilidade "Meio forno". (Sabe cozinhar mas não é tão experiente nem tão bem remunerada como a "forno e fogão").

Uma vez empregada, a trabalhadora se encontra ambigualmente confrontada pelos termos do "contrato" e a sua necessidade de liberdade, afeto e igualdade. É aí que, a partir do tom das relações estabelecidas com os patrões — considerando-se, evidentemente, o seu referencial emocional — e da sua maior ou menor permeabilidade à ideologia dominante, a empregada elaborará, também, a sua posição nas relações de trabalho. Será, como ainda é a maioria, a moça do Interior procurando uma segunda família na cidade, identificando-se com ela em seus padrões de comportamento e até em muito das aspirações; ou a lutadora em um dos estágios de desenvolvimento da consciência social, o que pode implicar em ir do quase caótico desperdício internacional de alimentos ou estrago de objetos materiais da casa ("Dar gasto ao banco"). passando pelo felizmente raro maltrato das crianças da família, e pelo "pedir a conta" repentino para "Deixar eles" "na mão", até a mais recente e bem direcionada forma de luta, das associações de classe.

Enquanto esses estágios da consciência de classe se cumprem, vão atuando as contradições sociais. Enquanto a empregada se sente afetivamente ligada à família dos patrões "como sua", e identificada com seus hábitos e aspirações, estará também adiando — como percebeu/inquiriu Jelin (1977) — o desenvolvimento da sua identidade de classe trabalhadora. E tenderá, desenvolvendo essas aspirações e expectativas mais altas, e, portanto, diferentes das de outros trabalhadores, a manter-se distante deles.

Tentam contrabalançar esse processo as associações de domésticas mais estruturadas e combativas, cindindo diretamente a identificação das figuras empregada/patroa, através de suas palestras, publicações de folhetos, ilustrados etc. (Razões de classe). Mas ao mesmo tempo, ainda que com frequente relutância, aliam-se ou recebem apoio de grupos feministas. (Razões de sexo/gênero). Mas a intenção básica é condensar as solidariedades de classe e de sexo/gênero no interior da própria classe.

Informa Garcia Castro (1985):

"La identificación de la patrona como categoría separada, diferente e inclusive antagónica, es un punto central en la literatura producida por sindicatos y asociaciones del servicio doméstico en América Latina. (...) La énfasis es por la toma de conciencia de clase por parte de la empleada doméstica. Cuando se hace referencia a aspectos de la cultura de sexo/genero, como a la desvalorización del servicio doméstico, su bajo sueldo por ser cosa de mujer, la tónica es por la solidaridad entre las mujeres de una misma categoría de clase, por el fortalecimiento de las organizaciones nacionales y la creación de redes de comunicación y de apoyo a nivel latinoamericano de trabajadoras, por sus organizaciones".

Por fim, e a propósito dessa mesma cisão de figuras femininas pretendida, volta a ocorrer a reflexão sobre a extrema complexidade da vida social, da realidade contraditória que exatamente enseja fusões ainda mais extremas dessas duas figuras: Há empregadas que têm empregadas. Casadas, com filhos menores, morando em suas próprias casas, têm meninas ou mocinhas, da sua própria classe social, como empregadas, com salário (evidentemente muito pequeno, mas salário), sistema de folgas e tudo o mais. É o caso, por exemplo, de Cidélia. É empregada, e é patroa da jovem que "olha" sua filha, arruma sua casa e lava a roupa enquanto ela sai para trabalhar.

A lógica social é idêntica à do "invasor" de terras urbanas, que loteia ou vende o seu terreno "excedente" aos companheiros que chegaram depois. Ou do pobre que assalta pobre — porque é quem está ao seu alcance...

Lembre-se até "A Incrível e Triste História de Cândida Erendira e sua Avó Desalmada"...

Há muitas outras histórias para contar e analisar. Havendo mais tempo.

EXPECTATIVAS, SOCIABILIDADE E LAZER NO EMPREGO

Que espera a empregada do trabalho?

Evidentemente que ganhar a vida, mas com idéias nada capitalistas sobre o modo de realizar ou obter esse ganho — expressas claramente nas considerações sobre o salário, quanto às expectativas das relações no trabalho, nas opiniões sobre este,

Nas reivindicações postas em relação ao trabalho, restringiram-se em maioria a referir situações subjetivas, emocionais. Impressionantemente, quase nada foi colocado quanto a salário ou horário de trabalho. Boas condições de trabalho significariam:

A patroa "falar direito, não ficar mandando toda hora"

"Ensinar o que estiver errado".

"Falar com jeito, não brigar".

"Pagar um bom salário, ser amiga e ter confiança"

"Folga todo domingo e feriado, poder sair para fazer compras uma tarde por semana, e para se divertir"

"Não reclamar muito, não chamar a atenção na frente das visitas".

Coerentemente, com isso, tratar bem a empregada significa viver relações aproximativas, em parte de clientela, sobretudo no sentido de superação dos limites de classe.

"Ajudar, ter amizade"

"Tratar como se fosse da família"

"Tratar como amiga, não ter separação"

"Dar coisas, conversar"

"Ser tudo uma pela outra. Nós somos mulher, somos tudo uma coisa sô".

"Não ter separação", porque "a única diferença que existe entre a gente é o dinheiro".

Um ponto para maior reflexão foi o conjunto de respostas que deram à pergunta sobre como tratariam suas empregadas, se fossem patroas. Impressionou a relativa escassez de referências e posições mais igualitárias, e sobretudo, a rapidez com que o papel de patroa foi por algumas ideologicamente assumido:

"Trataria bem. Desde que elas agissem direito, eu não menosprezava. Dava o mesmo tratamento que recebo da minha patroa".

"Tratava bem, para poder achar empregada. Tratava como gente".

"Eu era muito humana. Mas acho que o patrão não pode dar muita vez aos empregados, pois às vezes confundem liberdade com intimidade. Tem gente que não sabe procurar seu lugar".

"Bem, como sou tratada. Nem intimidade demais, nem afastada".

"Tratava bem se elas fizessem as coisas bem feitas, sem precisar reclamar nem nada. Mas se fizesse as coisas mal feitas, reclamava toda hora e não agradava".

"Dependendo dela, porque quem faz a patroa é a empregada e quem faz a empregada é a patroa". "(Frases contraditórias). "Se ela me tratar bem, eu também trato, ajudo ela".

Curioso, porém igualmente coerente com as respostas anteriores sobre ter encontrado boas patroas, foi a repetição acentuada de "Tratava como minha patroa me trata".

O ideológico é, realmente, tão importante, que salário não aparece como o primeiro problema, sequer no discurso mais politizado das associações de domésticas no Brasil. Conta Pereira de Melo (1984) são o Rio de Janeiro.

"Procuramos a Associação dos Empregados Domésticos, fomos recebidas por uma Diretora que diante de nossas colocações à respeito de uma pesquisa sobre os salários da categoria declarou que esse não era o maior problema, mas o reconhecimento de que aquele era um trabalho valorizado como outro qualquer na sociedade".

Na Bahia, depõe Regina, líder na Pró-Associação de Empregadas Domésticas⁴¹, no período inicial de organização da Associação:

"O objetivo maior desse movimento é justamente mostrar à sociedade a importância do trabalho feito pelas empregadas domésticas, que são profissionais com o valor de qualquer outro..."

41. Jornal "A Tarde", 27-4-80: "No seu dia, domésticas querem criar associação."

A relação com as colegas, no trabalho, apareceu diferentemente nos dois levantamentos, exceto pelo importante fato de que o apreciar a existência ou a companhia das colegas na casa de trabalho apareceu sempre justificada pela alegria e diversão, e nenhuma vez como companheirismo ou solidariedade de classe. (Evidente, por outro lado, que a solidariedade pode existir sem estar plenamente conscientizada).

As empregadas do Independência expressaram bem maior anseio de sociabilidade imediata que as do Todos os Santos: 45% gosta de trabalhar com outras colegas, não apenas porque "diminui o trabalho", mas sobretudo porque é "mais alegre e divertido". No Todos os Santos, entretanto, há menos de 15% desse tipo de resposta.

A preferência dominante, ali, é por trabalhar sozinha (68%), pelas razões alternativas: responsabilizar-se, garantir o que faz; ou para evitar briguinhas ou disse-me-disse. Raras referiram um "já me acostumei sozinha".

Repare-se, entretanto, que o tipo de resposta dominante em cada pesquisa tem correspondência com a realidade da organização do trabalho nas casas dos patrões: as empregadas do Conjunto Todos os Santos, que privilegiam o trabalhar ou estar sozinhas, em maioria são realmente, a única empregada e realizam todo o serviço dos apartamentos. Enquanto as do Jardim Independência, trabalhando em casas grandes onde há vários empregados, talvez percebam a vantagem da divisão dessas tarefas, além da diversão.

Essa sociabilidade casual entre colegas é, mesmo, a única que está ao alcance mais imediato, no cotidiano das empregadas — exceção para as que têm filhos consigo "no emprego" — porque outras possibilidades de uso do espaço da casa empregadora para receber amigos ou parentes não são bem vistas e estão próximas do proibido. Namorados, então, nem se cogita. A não ser escondido, o que, descoberto, é motivo suficiente para a quebra do "contrato" de trabalho. Sō encontrei — no

grupo de controle — dois casos de acesso de noivo ("oficial", com aliança no dedo e todo o ritual cumprido), à casa de trabalho da empregada. Em passagem rápida e cerimoniosa, à espera de que elas terminassem as tarefas domésticas para sair com eles. Jamais qualquer utilização sexual da casa, mesmo em se tratando de maridos. O que não surpreende, se se refletir sobre o fato de que mesmo entre os membros da família, no âmbito da casa, a única relação sexual "natural", isto é, sancionada positivamente, é a do casal dono da casa.

Tendo essa sociabilidade bastante restrita, em casa dos patrões, como se distrai a empregada?

A quase totalidade gasta o tempo livre mais frequentemente assistindo a programas de televisão — 85% no Todos os Santos e 74% no Independência. Vêem sobretudo novelas. No Todos os Santos, muitas ouvem rádio (66%), mas no Independência, somente 26%. De alguma forma, lêem. Revistas, sobretudo fotonovelas. Um pouquinho de informações variadas, receitas culinárias. Nos jornais, buscam sobretudo horóscopos. Mas também notícias policiais e classificados de empregos. Somente uma nessas setenta e duas, mencionou leitura de livros: "O poder do Pensamento" e "O poder da Palavra", que teria ganho dos patrões.

As empregadas nas grandes, isoladas, casas do Jardim Independência quase não referem usar o tempo livre para conversar. Mas no Conjunto Todos os Santos, de numerosos apartamentos próximos, o índice de ocupação do tempo livre em conversa é muito alto: 83%.

As idas ao cinema, de ingressos cada vez mais caros, por parte de uma população de poucos recursos financeiros e nível de instrução baixo, são em número surpreendente: 49% no Todos os Santos e 29% no Independência. Também, surpreendentemente, há uma preferência declarada por filmes de caratê e "de cow-boy", tanto quanto "de amor". Um voto para pornochanchadas, outro: para "filmes de humor".

Que significa a comunicação de massa para elas? Que informação? Passa-tempo escapista? Por que não, se assim é mesmo para a maioria dos componentes das classes chamadas "mais favorecidas"? É, também, inesperadamente, um aprendizado: "Só gosto de telenovelas. Acredite, aprendo muita coisa. Fico certa de que tudo aquilo é verdade: como labutar com um homem, como responder, até como atender um telefone".

Como usarão o aprendizado? Quem sabe...? Quando terão oportunidade de um outro aprendizado que lhes dê mais segurança e alguma possibilidade de fruição de vida?!

Volto a transcrever (Britto da Motta, 1977), o comovente depoimento de como elas sentem isso:

"Nunca cheguei pra meu filho pra contar uma história — não tenho tempo. O povo da roça não liga pra isso, tem que trabalhar, não tem tempo de aconselhar um filho, fazer um agrado, quanto mais dizer que as plantas vivem, crescem e morrem. Aqui eu vejo conversar com os filhos, explicar como é a televisão. Mas se eu um dia tiver uma televisão e meus filhos fizerem perguntas, não sei responder, porque nunca me ensinaram, nunca tive estudo, fui criada ignorante".

CARREIRA OCUPACIONAL

O ingresso no mundo do trabalho começa muito cedo. Até prematuramente. No Todos os Santos, 90% iniciou o emprego doméstico entre dez e vinte e cinco anos, sendo que 66% destas, entre dez e dezesseis anos. No Independência, 74% chegaram ao emprego entre os oito e os dezesseis anos.

É frequente começarem pelo Interior do Estado, em cidades próximas ao seu local de origem, e são depois virem chegando a Salvador. É o que confirmam as empregadas do Todos os Santos. Os do Jardim Independência divergem um pouco desse padrão — 61% delas começou o trabalho doméstico diretamente em Salvador. Uma explicação possível para o fato pode ter-se a partir da hipótese do laço clientelístico familiar referido (trazidas da fazenda diretamente para a cidade) ou do fato concreto de serem originárias, em boa parte (42%), de municípios próximos à capital. (Zona do Recôncavo e Feira de Santana).

Esse começo antecipado da "carreira" costuma ocorrer sem assalariamento monetário, havendo apenas pagamento (?) em espécie — os patrões "dão o que precisar" à "cria da casa", que "apenas brinca" com as crianças e "ajuda" em pequenos serviços.

Vejamos a mini-história de Maria:

Supõe ter doze anos, é negra, saudável. Pais falecidos prematuramente, trabalhavam na lavoura de subsistência. Oito irmãos, quase todos analfabetos. Morava com uma tia, com quem trabalhava na roça, e,

ocasionalmente, em fazendas alheias, e que a deu a atual patroa, "para criar". (O conhecimento foi por intermédio do sogro da filha da patroa, fazendeiro, para o qual a tia trabalhava).

Maria chegou há seis meses. Tem uma outra tia que mora em Salvador, mas não sabe onde. Realiza trabalhos domésticos de manhã — faz a limpeza da casa e ajuda na cozinha — e meio dia vai para a escola. Quando volta, perto de cinco da tarde, faz café e bota a mesa para a refeição da noite. Depois desta, lava os pratos e arruma a cozinha. Vai, então, "estudar as lições" (Mas ainda não sabe ler...) Recebe, da patroa, "tudo que necessita". (Esta estava perto...)

Vai à casa de colegas, no edifício, mas não entra. "Chamo da porta". Elas também não vão à casa onde ela mora. Refere encontrar mais frequentemente uma outra menina, que também é "cria" de uma casa, no "hall" do edifício.

Veio para Salvador, porque ela e a tia viviam com muita dificuldade, mas por outro lado, já tinha vontade de vir para a cidade, porque tinha ouvido falar dela por parentes que trabalharam aqui.

É muito viva, tem imaginação, ou melhor, expressa uma imaginação coletiva fantástica, às vezes ideologizada:

"Teve uma vez que nasceu uma menina com três bocas e falando. Os pessoal disse que ela falou que em dia de domingo não se deve lavar roupa, porque Nossa Senhora tinha dito que estava com as costas toda ferida. Por essa mesma razão não se deve bater roupa. A menina falou, e morreu".

"Teve um dia que saiu uma doença pelo mundo. Dissero que tinham que tomar vacina. O dono da fazenda mandou a gente tomar a vacina. Os pessoal disse que quem tomasse vacina que ficasse uma bola no lugar, já estava apodrecendo. A gente tomou, mas doeu muito, a gente não aguentava a trabalhar com o braço. Quando a gente ouvia falar assim, ficava com medo de morrer e do mundo se acabar. Depois a gen

te foi indo, foi indo, melhoramos".

"Os pessoal que estava se aposentando, os pessoal disse que estavam era matando eles. Minha tia, aĩ, não se aposentou".

"Os pessoal disse que estavam pegando criança pra fazer carne, porque tinha muita gente no país e a carne não dava, tinha que fazer de carne humana. Disse também que tinha um estrangeiro que sō comia carne de gente..."

Esperançosa, coloca o aprender a ler como de importância fundamental na vida e para o seu futuro. Recoloca isso em vários momentos, a propósito de diferentes assuntos:

"Pra melhorar na vida, precisa saber fazer as coisas. E pra saber fazer as coisas, a gente precisa saber ler..."

Em outro estágio de vida, encontrei Eurídice. Sua história ocupacional/existencial, contada com riqueza de detalhes e situações, tipifica muitas outras. Porisso vou transcrever uma boa parte dela, no ímpeto angustiado com que saiu.

Tem 22 anos, negra, alguns dentes faltando na frente, primário incompleto ainda sendo feito. Pais vivos, no Interior do Estado, dez irmãos. Como Maria, começou a trabalhar cedo demais: dez anos. Fazia todo o serviço da casa e recebia "Coisas que precisava, mas pouco". Demorou dois anos e meio, saiu porque o patrão "abusou". Narra que o patrão tentava "se aproveitar" dela. Pedia muito à mãe para levá-la de volta para casa, mas com vergonha de contar porque queria deixar o emprego.

Conta uma longa história de onze empregos domésticos, por onde desfilam cansaço, um velho tuberculoso de quem tinha medo, uma "criança danada" que muito a cansava, mais um patrão "freteiro", dois garotos que "intocavam" demais.

Num intervalo entre dois empregos, ficou em casa, lavando roupa — "duas trouxas", para uma família e para um rapaz. Lavava demais, nem sempre tinha comida ("Às vezes sô tinha café") até que (Pãra, chorando) se apaixonou pelo rapaz cuja roupa lavava. Ficou "tendo intimidade" com ele, mas não era namorados. Se encontravam...

No primeiro dia de entrevista me fez prometer que não faria perguntas sobre a família dela. No segundo encontro, depois que contou a paixão triste, contou também, espontaneamente:

"Meu pai era irresponsável. Bebia demais, maltratava minha mãe e eu não podia ver isso. Me metia. Ele gastava o que levava da roça para a feira com bebida e mulheres. Minha mãe foi uma pessoa que nunca teve alegria". (Pãra, suspira). "Acho que saí igual a ela".

Não esqueceu nunca o homem por quem se apaixonou: "Era um soldado. Ele um dia disse que ia ter que viajar e talvez não voltasse..."

Volta à família: "Minhas irmãs trabalhavam como empregadas domésticas em Itabuna. Revolta não se semeia, revolta se sente! Queria sair daquela amargura e não voltar nunca mais. Fui para Itabuna. Ganhava cinquenta cruzeiros para fazer tudo em uma casa" (Um décimo segundo emprego que não mencionara antes) "Minhas irmãs desacertaram emprego em Itabuna, voltaram para casa e eu fiquei sozinha".

Prossegue, sem parar:

"Em todo lugar onde ando, sempre encontro alguém que se simpatiza de mim: Uma vizinha me arranjou um emprego em um bar. Dormia meia noite, uma hora, e acordava às seis. Todo dia. Lavava aquilo tudo. Fiquei com problema de garganta e anemia. Por causa da garganta não podia me alimentar direito. O dono do bar gostava muito de mim, e a mulher dele começou a ciumar de mim.

"Em 1971 conheci uma moça, sobrinha da vizinha que tinha me arranjado o emprego, que era de Salvador. Ela me convidou para vir.

"Tenho muita vontade de ir embora para São Paulo. Pelo Menos pa
ra mudar".

"Às vezes tenho namorado, penso que vai ser diferente... E é só
coisa passageira! Às vezes, quando estou assim parada (os olhos se
enchem de água), penso: — Puxa, ninguém gosta de mim!

"Nunca gostei de amigos. Prefiro andar sozinha. As vezes quero
ir prã um lugar, não querem, vou sozinha. Vivo tão amargurada que
prefiro andar sozinha, mesmo. Tenho muitas colegas, mas prefiro an
dar sozinha.

"Muitas coisas de novela a gente tem que entender. Muitos lances
atê parece comigo! O que é fantástico, também, é que nunca namorei
um homem da minha classe! É sempre alguém mais do que eu! É sempre
um estudante, um dono de automóvel. Não é que não quisesse alguém
como eu — é que nunca aconteceu. Uns me tratam bem, outros parece
que desfazem de mim, outros parece que estão fazendo hora! (...)

"Minha mãe tem problema de vista. Sempre pensei em ajudar. Acho
que é porisso que não vou lã em casa. Toda vez que marco para ir lã
em casa, aparece problema: doença, dentista, roupa, e o dinheiro acaba.

Cada um tem seu problema, e eu tenho o meu. E é bem forte.

Acho que agora é tudo".

Continuei, então, fazendo as perguntas do roteiro. Meia hora de
pois, recomeçou a "torrente":

"Nunca tive infância. Sonhava ter uma boneca de plástico. Nunca
tive. Tinha que me conformar com as bonecas de pano.

"O sonho da minha vida é dar uma casa a minha mãe. Dar alguma
coisa a ela de volta.

"Engraçado, cada parte da minha vida, cada trecho da minha vida,
eu decorei:

em cada um passei problemas. Comecei a encarar as coisas com a idade de dez anos! Antigamente menino tinha mais responsabilidade. Hoje, não, principalmente se o pai tiver um pouco de dinheiro. Hoje em dia a vaidade é maior. Olhe, não tenho vontade de ser rica, nada, só de ter um lugar meu. Gostaria de ser era feliz!

"É, eu acho que meu caso está encerrado. Não tenho mais nada pra tecer".

Minutos depois, retoma, mais brevemente:

"Sabe, muitas pessoas na rua me encaram como se eu fosse patroa. Não sei se é por causa do meu jeito, da minha personalidade... Já senti muita angústia, já senti muita vontade de morrer. Hoje em dia ando acostumada com tudo. Encaro tudo que me aconteceu como normal, nada para mim é novidade, encaro tudo de uma maneira só!

"Olhe, meu pai é "tão bonzinho", tão bonzinho, que largou minha mãe cheia de filhos e fugiu com a mulher de outro cara, também cheia de filhos". (Ri bastante).

"E, meu pai não é normal, não. Eu cresci e aprendi isso — ele nunca vai ficar bom daquela cachaça. A única coisa boa que ele tem é ser honesto. Quando eu era menina ele era muito carinhoso comigo, mas depois que eu cresci e conheci a vida, não deu mais..."

Acho que a história já tão longa da jovem Eurídice demonstra, de modo mais articulado e fluente, o que acontece com grande parte das outras: A família de pequenos lavradores, com muitos filhos, sempre pobre, às vezes em desagregação. A migração por etapas. (cidades). O início prematuro no emprego. A exploração, incompreensões, agressões, solidão. Irrealização existencial. Vontade de um companheiro quase impossível.

A colocação no emprego doméstico pela própria família, ou pessoas ligadas a esta. O único emprego que a condição de pobres, com o seu cortejo de carências, lhes permite. Multiplicidade de empregos. Tem

po de permanência neles, reduzido. (A longa permanência das empregadas do Jardim Independência é uma rara exceção). A "eterna" circulação. ("Turn over"). Apegar-se momentaneamente a quem vai passando. A esperança minguando.

A grande maioria jamais teve outro tipo de emprego, além do doméstico. (83% no Todos os Santos, 81% no Jardim Independência). Esses raros empregos não-domésticos deram-se, maciçamente, no Terciário. — Balconista, vendedora de produtos de beleza, etc. Entre setenta e duas mulheres, apenas duas trabalharam num Secundário muito artesanal: charuteira e trabalhadora em fábrica de tapetes. Raríssimas trabalharam na agricultura como assalariadas. Sua experiência no Primário, circunscrevendo-se à lavoura de subsistência com a família, não seria emprego. Aliás, elas não lembram de referi-la sequer como trabalho.

Quase todas desejam sair do emprego doméstico, "essa profissão humilhada", um dia, porém muito poucas conseguirão. Conhecem algumas colegas que conseguiram. Os empregos alcançados foram: Duas vendedoras a domicílio, uma operária (em São Paulo), uma ascensorista, várias trabalhando em hotel e em supermercado, duas garis, duas costureiras, uma ajudante de enfermagem, seis balconistas, principalmente em farmácia. (Há uma conhecida rede de farmácias em Salvador que é conhecida como empregadora de ex-domésticas...)

Têm notícia de que algumas estão satisfeitas com a troca, porém outras, não.

RELAÇÕES SOCIAIS NA CIDADE

Como migrante, a empregada doméstica tem que construir um sistema de relações novo na cidade — uma relação com o próprio espaço físico de Salvador, e relações retomadas ou iniciadas, com as pessoas que o habitam. Para isso, são fundamentais os parentes e até os conterrâneos que porventura já vivem em Salvador. Às vezes, também colegas e os próprios patrões (ou patroas). É rapidamente necessária essa fusão de espaço físico/geográfico e espaço afetivo. Pois, como lembra Durhan (1973), "para uma população sem escolarização, a migração não pode ser concebida como um deslocamento no mapa". Por isso "uma família que se muda não vai apenas morar em outro lugar, vai morar com outras pessoas. "Principalmente uma pessoa sozinha e — imagine-se! ... — uma mulher! Vai procurar os parentes e amigos, e os lugares de onde eles falaram e deixaram conhecidos.

Uma quantidade ponderável delas sente-se atordoada à chegada, mas gradativamente se acostuma e gosta do movimento e das facilidades da cidade maior, se comparada com o Interior.

"Primeiro estranhei a zoadá, os transportes, uma agonia pra se atravessar uma pista, tudo deferente; depois foi indo, foi indo, acostumei".

"Eu queria ir embora. Não gostava da zoadá do ônibus, não sabia nem da janela. Tinha medo. Ia comprar o pão, voltava correndo... Minha cunhada ia sempre me ver e falava era isso mesmo, com ela também

tinha sido assim. As pessoas faziam agrado, mas eu queria voltar pra minha terra. Fui, passei um mês, voltei..."

"Sentia como se estivesse perdida no espaço! Não conhecia ninguém, a não ser a moça que me trouxe. Mas ela saía o dia inteiro e a noite. Nunca me senti tão sô!"

"Se não tivesse irmãos já trabalhando em Salvador, não ia ter a quem pedir socorro. Na necessidade, como é que ia ser? Sabendo que eu tenho quem olhe por mim, todo mundo me respeita".

O reordenamento das relações sociais não é mais brusco, por causa desse sistema de contatos primários. A mudança maior vai ocorrer nas relações de trabalho, principalmente quanto às exigências da vida citadina — os eletrodomésticos, os elevadores e entradas "de serviço", documentos, carteira de trabalho, filas por toda parte.

Outra rede de apoio à doméstica é produzida a partir de relações de vizinhança. Que ajudam — colegas — a empregada que mora em casa dos patrões, e que se tornam essenciais para as domésticas que moram fora do emprego e têm filhos menores. É, aliás, uma relação de cooperação e solidariedade entre mulheres. Não apenas porque é enorme o número de mulheres chefes de família nas classes populares, mas basicamente porque são pessoas que se miram e se reconhecem iguais em suas necessidades. São unidas pelo mútuo reconhecimento dos determinismos biológico/sociais agindo em cada uma: o parir e o criar os filhos são inescapáveis — o trabalho doméstico da dona-de-casa também incluídos — como a morte: cada uma precisa, tem que ser ajudada, nas suas vezes. Depois, por seu turno ajudará... (ver Sarti, 1983) Sem esse recurso, o trabalho "na rua" seria impossível.

Aliás, os valores em relação à vizinhança expressam uma aparente contradição. Parece existir um padrão mais ou menos universal, ou ocidental, de comportamento, no sentido de expressar-se como positivo o não gostar de amizade com vizinho. Chombart de Lauze, por exem -

plo, documenta bem isso (1972). Entretanto, várias das entrevistas - das que mais uma vez expressaram esse aparente preconceito, foram por nós surpreendidas em conversas cordiais e em visitas a vizinhos, no Todos os Santos. No Jardim Independência esse tipo de cordialidade na vizinhança é quase inexequível, devido ao grande isolamento das grandes casas, nas quais há enormes exigências de privacidade por parte dos patrões. Mas todas elas têm relações de vizinhança, não raro de compadrio, nos bairros periféricos onde moram, ou onde estão os parentes que procuram nos dias de folga. Sem falar nas relações no Interior.

Como entender-se isso?

Em trabalho anterior (1981), referi essa atitude das classes populares como expressando a persistência de valores ideológicos da classe dominante, que teria "por hipótese, uma função muito além da de busca de privacidade em um espaço muito limitado — física e socialmente — mas um outro sentido, talvez, de distanciar as pessoas em suas dificuldades e em suas revoltas sociais vividas individualizada_{mente}. "Repensando, e não nego essa possível dimensão política, mas fui talvez demasiado enfática, carreguei nas tintas de um maquiavelismo talvez linear. . . . Gostaria de dentro disso, recuperar mais fortemente a dimensão do cotidiano, concluindo, com Sarti (1983) referindo Chabaud, Fougeyrollas e Sonthonnax-Mason (1981), sobre "o caráter utilitário que têm as relações de vizinhança, diferenciando-se das relações de amizade", inclusive citando diretamente as três autoras, apud Sarti:

"Étant à proximité, en quelque sorte, témoins de la vie quotidienne, les voisins et particulièrement les voisines, sont à même d'évaluer les contraintes, soudaines ou durables, et l'impossibilité de les intégrer dans l'organisation quotidienne (...). Tout se passe au contraire comme si les relations entre amis (...) devaient exclure le registre de la nécessité et du quotidien".

As amizades e compadrio seriam, então, exceção, algo a que se chega depois de muito tempo, porque (ainda Sarti) "... vivendo proximoamente problemas semelhantes, os moradores do bairro se vêem expostos à avaliação dos outros, o que os torna estreitamente vulneráveis".

Resta, então, o novo. A solidariedade de classe formada através das conversas que levam à constituição e ao ingresso em associações de domésticas, e à luta pela possibilidade de gerirem um pouco a própria vida. Isso ainda não vai aparecer aqui. É recente demais. A associação baiana tenta organizar-se apenas a partir de 1980, mas ainda não está registrada. Essa história vai começar a ser contada, agora.

Voltarei a ela, em trabalho próximo.

OUTRAS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENSTON, Margaret - "A Political Economy of Women's Liberation" - Monthly Review, vol.21, number 4, September, 1969.
- BERGER, Peter & Luckmann, Thomas - The Social Construction of Reality - Penguin Books Ltd, Harmondsworth, Middlesex, England, 1971.
- BRAVERMAN, Harry - Trabalho e Capital Monopolista (A Degradação do Trabalho no Século XX) Rio, Zahar, 1977.
- BRITTO DA MOTTA, Alda - "Visão de Mundo do Camponês Brasileiro" - in Revista das Ciências Humanas - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - julho, 1980 - Nº 1, Vol.I.
- BRITTO DA MOTTA, Alda e MACHADO NETO, Zahidê - "Tempo de Mulher. Tempo de trabalho entre Mulheres Proletárias em Salvador" - Trabalho apresentado no VI Encontro Anual da ANPOCS, em 1982, e no Seminário "Capitalismo e Força de Trabalho", do Mestrado em Ciências Sociais, da Universidade Federal da Bahia, em 1983. Publicado nos Anais deste seminário, pp. 59-72.
- CASTRO, Nadya Araujo - "Força de Trabalho e Emprego Não-Agrícola no Estado da Bahia - 1950-1980" Relatório Intermediário de Trabalho 1983-1984 (Parte III) - Convêni CRH/FINEP-UFBA, 1985.
- CEBOTAREV, Eliana, A. - "La Organización del Tiempo de Actividades Domésticas y No-Domésticas de Mujeres Campesinas en Latino America". Seminário A Mulher na Força de Trabalho na América Latina. Rio de Janeiro, novembro, 1978.
- CHABAUD, Daniele, FOUGEYROLLAS, Dominique e SONTONNAX - MASON, Françoise - Famille, Travail Domestique et Espace - Temps, des Femmes (mimeo) Université de Paris X, Nanterre, 1981 (apud Sarti).
- CHOMBART de Lawe, Paul Henry - "A Organização Social no Meio Urbano" in Octavio Guilherme Velho (org.). O Fenomeno Urbano, Rio, Zahar, 1967.
- COULSON, Margaret, Branka Magas e Hilary Wainwright - "The Housewife and her Labour under Capitalism - A Critique" - New Left Review, 89 Jan-Fev. 1975
- DALLA COSTA, Mariarosa e Selma James - The Power of Women and the Subversion of the Community - Falling Wall Press, 1972.
- DURAN, Eunice R. - A Caminho da Cidade - São Paulo, Perspectiva, 1973.

- DE BEAUVOIR, Simone - O Segundo Sexo - Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1980. 2 vols.
- DUARTE, Isis - "Condiciones de Vida, Ideologica y Sociolizaci3n de los Ni3os de las Trabajadoras de Hogar en Santo Domingo, R. Dominicana" (Notas Preliminares), - XI Congresso Internacional da L.A.S.A., M3xico, D.F. 1983.
- FEM - Volumen IV. N3 16, Septiembre 1980 - Enero 1981 - M3xico.
- FIGUEROA, Blanca - "La Trabajadora Domestica (Lima-Peru)" Ed. por Asociaci3n Peru - Mujer. Sem data.
- G3LVEZ, Thelma e Todaro, Rosalva - "La Especificidad del Trabajo Domestico y la Organizaci3n de las Trabajadoras de Casa Particular" (Santiago do Chile) - XI Congresso Internacional da L.A.S.A. M3xico, D.F., 1983.
- GARCIA CASTRO, Mary - "Qu3 se Compra y qu3 se Paga em el Servicio Dom3stico?: El Caso de Bogot3" in Le3n, Magdalena (Ed.) Debate sobre la Mujer en Am3rica Latina y el Caribe, T. 1, ACEP, 1982, pp.99-122.
- GARCIA CASTRO, Mary - "Qu3 compra e se Vende en el Servicio Dom3stico? El caso de Bogot3, Colombia" in AREITO, Circulo de Cultura Cubana, Junio/Julio, 1985.
- GARCIA MARQUEZ, Gabriel - A Incr3vel e Triste Hist3ria de C3ndida Erendira e sua Av3 Desalmada - Rio de Janeiro, Ed. Record, s/data.
- GARDINER, Jean - "Women's Domestic Labour" - New Left Review 89, Jan-Fev, 1975
- GOGNA, Monica -El Servicio Dom3stico em Buenos Aires: Caracteristicas de Empleo y Relacion Laboral - Teses de Licenciatura em Sociologia, Universidad El Salvador, Buenos Aires, 1980.
- GOLDMANN, Lucien - "Th3ses sur l'Emploi du Concept de Vision de Monde en Histoire de la Philosophie", in L'Homme et l'Histoire - Actes du VI^e. Congr3s des Societ3s de Langue Fran3aise. Paris, P.U.F., 1952.

- _____, Ciências Humanas e Filosofia. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1967.
- GOLDSMITH, Mary - "Trabajo Doméstico Asalariado y Desarrollo Capitalista" - in FEM, volumen IV, Nº 16, Septiembre, 1980- Enero 1981 - México, pp.10-20.
- GRAU, Ilda Elena - "Trabajo y Vida Cotidiana de Empleadas Domesticas en la Ciudad de México: un estudio cualitativo" in León, Magdalena (Ed.) Debate sobre la Mujer en America Latina y el Caribe, Tomo III, ACEP, 1982.
- HARRISON, John - "The Political Economy of Housework" - Bulletin of the Conference of the Socialist Economists, IV, 1973.
- MARX, Karl - O Capital. Livro 1, Vol. 1, p.191, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980.
- MUJER - Empleo Domestico - Institute Latinoamericano de Estudios Transnacionales - (ILET). Santiago, Septiembre, 1984.
- SARTI, Cybthia A. - "Cotidiano Feminino, Lugar dos Outros" - Trabalho apresentado no VII Encontro Anual da ANPOCS. Águas de São Pedro, outubro de 1983.
- SEACOMBE, Wally - "The Housewife and her Labour under Capitalism" - New Left Review, 83, Jan-Fev.1974.
- SEACOMBE, Wally - "Domestic Labour - Reply to Critics" - New Left Review, 94, Nov-Dec.1975.
- SMITH, Paulo - "Domestic Labour and Marx's" Theory of Value" - in Annette Kuhn e Ann Marie Wolpe (eds.), Feminism and Materialism. London, 1978.
- Stolcke, Verena - "Mulheres e Trabalho" in Estudos CEBRAP 26 (Trabalho e Dominação).
- SULLEROT, Evelyne - Histoire e et Sociologie du Travail Féminin - Paris, Gonthier, 1968.

NOTA

Este trabalho contou com o apoio institucional seguinte:

Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq - Auxílio para pesquisa.

Mestrado em Ciências Sociais da UFBA. (MCS) - Recursos materiais e serviços datilográficos.

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. (Secretaria) - Material de consumo.

Departamento de Sociologia da UFBA. - Material de consumo

Salvador, 13 de agosto de 1985.

Alda Britto da Motta

Alda Britto da Motta